

Lo
23607
ANA DE CASTRO OSORIO

A CAPELA DE ROSAS



DEPOSITÁRIOS
PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA
RUA AUGUSTA, 45
L I S B O A





L

23607

A CAPELA DE ROSAS



ANA DE CASTRO OSORIO



Lc
25607

R. 110305

A CAPELA DE ROSAS



DEPOSITÁRIOS
PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA
RUA AUGUSTA, 45
L I S B O A

Faint handwritten text, possibly a signature or date.

Faint, illegible text, possibly a title or heading.



SEMPER IDEM

A CAPELA DE ROSAS



I

No alto do monte áspero de subir e desguarnecido de vegetação que mal podia crescer entre o granito duro das suas rochas, a igreja da Senhora do Castelo alvejava a muitas léguas em redor, destacando no azul dos dias luminosos o corte simples da sua linha pesada e geométrica, a que a tórre, muito alta, dava o aspecto de movimento e de vida, como se fôsse a debruçar-se sôbre a escadaria magnífica, que em lances equilibrados se ia desdobrando, de capelinha a capelinha, até chegar ao vale, bem cultivado em milharais e hortas de estimação.

Orlando as escadas, contidas pelas pequenas paredes de suporte, só algumas carvalhei-

ANA DE CASTRO OSORIO

ras viviam, bracejando a sua larga ramagem a sugar gulosamente os pequenos tratos de terra, que lhes tinham dado para regalo e a sua ânsia de vida prendia com o raizame velho de muitas dezenas de anos, descendo à terra funda que iam procurar.

Os ailantos e as acacias espinhosas irrompiam aqui e ali, forçando a vida, entre as juntas dos penedos sobrepostos e davam um pouco de graça frágil, na sua floração primavera, à rigidez quási trágica da serra granítica.

Do outro lado do monte, contornando-o em corcovas e voltas tortuosas, que dobravam o seu percurso, a estrada nova, última conquista da civilização, amenizava o caminho, ligando o santuário à estrada real, que seguia ao sopé do monte para terras espalhadas por concelhos e comarcas, uns poucos de distritos apontados do cimo da torre.

O templo vasto e sonoro tinha uma sobriedade de linhas que vizinhava a nudez; a cal e o estuque mal cortados pela douradura discreta dos altares, dois apenas, laterais, com

A C A P E L A D E R O S A S

retábulos garridos da sagrada familia, considerados quási retratos de antepassados sem direito ao culto, que todo ia para a Senhora, a verdadeira e única dona da casa.

O luxo da pompa religiosa, como a generosidade dos fiéis, concentrava-se no altar-mor, onde a imagem milagrosa dominava em cima do seu trono de bancadas sobrepostas, resplandecente de luzes e florido de palmitos variêgados, no dia da sua festa.

Aquela Nossa Senhora, pequenina como uma boneca, era a mesma piedosa e caprichosa em seus actos de misericórdia e de vontade consciente, que havia séculos apparecera entre duas fragas da serra a uns caçadores deslumbrados, que a revelaram ao mundo e apregoaram as suas maravilhas.

Do montão de rochedos acavalados ali em pedregulhos informes, onde à sua divina vontade aprouve entregar-se ao amor dos fiéis, para que a venerassem pelos séculos sem fim, o povo deduziu que o local fôra em tempos idos o reduto dum grande senhor mouro, guer-

ANA DE CASTRO OSORIO

reiro temido e opulento, dono de quanto os olhos abarcavam por essas serranias fóra, do cimo das ameias do seu castelo invencível.

Mas nesses pedregulhos amontoados, de que a fantasia do povo fizera as ruínas do palácio maravilhoso do rei mouro, ninguém poderia, de facto, ver restos que se assemelhassem a pedra talhada pela indústria do homem.

No entanto, a Senhora, encontrada pelos caçadores, que se abrigavam nas fragas do temporal que os surpreendera na serra, entre dois blocos de granito, como uma criança assustada do seu isolamento, fôra logo chamada Senhora do Castelo.

Trazida em procissão soléne para a vila, que tôda acorrera a ver o prodigioso milagre, de motu-próprio voltou ao seu abrigo da serra até que os devotos lhe compreenderam a vontade e erigiram a pequenina ermida em que sossegou largos anos, espalhando benções e distribuindo milagres com uma prodigalidade de rainha, que não tem de olhar ao dia de amanhã.

A CÁPULA DE ROSAS

Do cimo daquele seu monte escalvado, como se fôsse um trono do céu, a fonte incansável da sua graça correu tão abundantemente e seus milagres foram tantos e tais, que a sua fama se espalhou de bôca em bôca, correndo pelas feiras tumultuosas, proclamada nos arraiais, ouvida pelos campos em horas pesadas de ceifa ou cantada pelos ranchos da azeitona; repetida nas mondas e nas sachas, em que o mulherio põe a nota palreira da sua inquietação.

Era uma nova esperança, que erguia as almas para além das tragédias da vida, era uma estrela mais a esclarecer o céu negro da sua miséria.

E as oferendas vieram, voluntárias e generosas, da fonte sempre viva do reconhecimento, que espera uma continua protecção.

Depois das colheitas, nos oito dias ainda fortes dum sol, que por vezes se encobre em nuvens pesadas de trovoadas, refrescando a terra abrasada das canículas, a teoria das oferendas carregando para a Senhora a dizima

ANA DE CASTRO OSORIO

voluntária dos frutos, que a terra pela vontade generosa da Mãe de Deus concedera aos homens, era uma riqueza tal que em breve a capelinha tósca dos primeiros tempos se convertera em ermida bem caiada, com seu alpendre e terreiro para o arraial dos romeiros, com o repique alegre do sino, erguido no campanário, a reboar de serra em serra, como a própria voz de Deus, reunindo os fiéis em volta do altar de sua Santa Mãe.

Tão grandes, tão fortes foram as provas da misericórdia divina dada aos homens de fé ardente e coração simples por intermédio da Senhora do Castelo, que os «Fidalgos», depois de terem gasto pelo mundo os seus passos em missões de vaidade terrena, conhecendo os homens e as suas grandezas e ilusões, resolveram dar ao culto da imagem milagrosa uma protecção condizente com a nobreza do seu nome e com a fortuna dos seus morgadios, que aforavam à casa tóda a terra disponível da região.

Foi assim que no cimo do monte, escalvado

A C A P E L A D E R O S A S

e duro como o granito das suas fragas, em que a medo cresce a urze e o rosmaninho perfumado para as fogueiras de São João, um templo de grande fábrica se ergueu e a larga escadaria foi lançada, num gesto forte e glorioso, através das pedreiras brutas e informes, até ao vale onde os servos regavam com o suor do rosto as leivas férteis dos lameiros e dos vinhedos.

Com magnificência a desafiar os tempos, o escadório alargava-se pela montanha acima, marcado de capelinhas votivas às diversas evocações da mesma Senhora gloriosa, num reflexo da opulência pesada do seu palácio reconstruído, com jardins e matas de recreio, como verdadeira estância de repouso.

O povo, reconhecido e agradecido por tanta munificência, acorreu a dar à obra, além do auxílio das suas oferendas, o trabalho gratuito dos seus braços, modesta contribuição para a obra glorificadora, erigida para a eternidade à Senhora Mãe de Deus e dos homens, que num tão espontâneo e generoso gesto pusera os

ANA DE CASTRO OSORIO

seus olhos de misericórdia sôbre a povoação, que até aí fôra humilde e ignorado burgo de miséria.

Os fidalgos morreram e outros vieram substituí-los no interêsse pela milagrosa imagem, mantendo o culto no templo, que se avista de léguas em léguas em redor, espaçoso, sempre caiado de fresco, largas janelas em que o sol jorra sem entaves pelas vidraças brancas, como a fé deve entrar nas almas crentes e sem nenhuma sombra de misticismo doentio ou dúvida dolorosa a estragar a vida, que tem o seu fim lógico na harmonia do paraíso.

Como se Nossa Senhora quisesse mostrar bem à evidência quanto a satisfazia essa prova de amor e reconhecimento que lhe davam os seus fiéis, honrando a sua imagem em condigna habitação, os milagres foram cada vez mais, cada vez maiores e difíceis, crescendo em proporção à importância da sua romaria, que chama aos terreiros do adro e aos fraguedos do monte uma concorrência de romeiros,

A C A P E L A D E R O S A S

como outra não há pelas Beiras que a possa vencer.

Por mais que algumas povoações rivais a tenham querido suplantar com os milagres apregoados de outras imagens protectoras, nenhuma ainda pôde competir com a fôrça milagrosa daquela, que vinha do tempo dos moiros sempre disposta a bem guardar e proteger o seu bom povo, escapando sem nenhum insulto à invasão dos franceses, agasalhados com a gentileza duma pequena côrte de aldeia no palácio senhorial dos «Fidalgos», administradores dos bens da piedosa imagem.

Depois de recolhidas ao tesouro do palácio as ofertas de valor, ficavam para edificação dos crentes e para exemplo das almas aflitas, que recorrem em suas misérias à protecção da Senhora, os quadros dependurados nas paredes, mostrando os mais extraordinários e comprovados milagres, desde os moribundos resuscitados e entregues à constatação científica do médico, impotente para dominar a Natureza, até ao veleiro arrebatado pelo tufão

ANA DE CASTRO OSORIO

em mares revoltos da Índia e da China, salvo maravilhosamente pela fé de um único marinheiro, que na hora mais minguada da sua vida pusera na Senhora do Castelo a fé da sua alma, ancestralmente ligada ao seu culto. Os ex-votos, representando a minúscula anatomia a comprovar a tragédia miserável do corpo avassalado pela dôr; os bonequinhos pálidos de cera, seguros pelos laços garridos de fita, a lembrar os corpitos frágeis das crianças que a febre consumiu, arrancados pela Mãe de Misericórdia do abismo profundo da morte; os informes animais, miniatura dos que a Senhora sarara conduzida do lacrimoso desespero dos donos, tôda essa floração espontânea da esperança, renovava-se anualmente pelas novas ofertas, comprovando novos milagres.

As velas pintadas, delgadas como hastes de ramos bemditos, ficavam nas paredes para amostra de montes de cirios, esperando na arrecadação para arderem nos grandes dias de festa.

Mas de tudo o que mais comovia os cora-

A C A P E L A D E R O S A S

ções dos romeiros era, sem dúvida, aquela grande colecção de mortalhas, completadas com o palmito da inocência e a capela de rosas brancas das virgens, que as tinham vindo depositar como um ofertório da vida que vencera a morte, pela vontade soberana da Senhora dos céus.

Essas mortalhas, dependuradas no altarmór, mostravam que Deus se apiedara da vida e que no paraíso não eram necessárias mais virgens, tantas e tantas foram as que a sanha cruel dos imperadores romanos fizeram ascender violentamente à eterna glória e tantas e tantas que da santidade dos conventos levaram para o regaço da Mãe de Deus as suas capelas de rosas imaculadas.

Quando a morte tocava com a pestilência do seu hálito gelado uma pobre alma que a vida atraíçava, Nossa Senhora condoia-se da amargura dos corações das mães, atendia a súplica dos noivos, viúvos antes da glória de um dia de esponsais, e as mortalhas brancas com as suas capelas de rosas de cambraia ali

ANA DE CASTRO OSORIO

estavam a comprovar os milagres, sempre repetidos, da grande e incansável misericórdia divina.

Todos os anos, depois da grande romaria de Setembro, as oferendas eram cuidadosamente recolhidas; vendido o milho que as «fogaceiras» traziam nos seus açafates enfeitados, medido o azeite necessário para enterter as lâmpadas em tôda a roda do ano, substituídos os ex-votos por outros modelados em cera mais fresca, tiradas das paredes as mortalhas amarrotadas pelo tempo e postas nos seus lugares as que a piedade reconhecida das resuscitadas trouxera para testemunho da milagrosa intervenção.

Nos cuidados contínuos de bem servir Nossa Senhora, Ricardina, a pequena do «Ermitão», ajudava os pais com uma seriedade e compostura que não eram muito próprias dos seus poucos anos.

Ao lado da igreja, no primeiro terreiro antes do adro, nascera e vivera na casa que os «Fidalgos» tinham destinado, desde o princípio,

A C A P E L A D E R O S A S

ao guarda do santuário, com sobrado em rijo castanino cortado nas suas matas, escada de pedra e alpendre, de que faziam o miradouro para a sua vigilância.

O pai era o guarda de confiança desde muitos anos, desde sempre, porque já nascera no mesmo lugar onde os filhos nasceram depois, como filho e neto de outros guardas, que desde o princípio os Senhores tinham escolhido, como pessoas de confiança, para desempenho de tanta responsabilidade.

Tôda essa seqtência de responsabilidades acumuladas na familia davam ao Joaquim Castela una autoridade que o afilhava à própria essência divina da milagrosa imagem, tornando-o um quási medianeiro para os fiéis, que vinham à romaria trazer o público reconhecimento aos dons milagrosos da Senhora e muitas vezes, numa aflição maior, voltavam a cumprir promessas aflitivas e a trazer ofertas, que ficavam ao cuidado honesto do guarda.

O povo, acorrendo de tôda a largueza dessas províncias fóra, acostumara-se a vê-lo com

ANA DE CASTRO OSORIO

o seu ar seráfico e austero, sóbrio na frase, as longas barbas caídas sôbre o peito; quer fôsse verão quer inverno, vestido com um velho gabão de saragoça castanha, semelhando o hábito dum frade, e chamava-lhe o «Ermitão».

Assim, poucos já o conheciam pelo nome de Joaquim Castela, que na familia ficara por parte da avô, aquela famosa Jacinta Castela, a verdadeira cabeça pensante da casa, o braço forte que mantivera o respeito pelo culto da «Senhora» em tôdas as perturbações e alvoroços da vida, sem mêdo a partidos nem a guerras, guarda fiel e incorruptivel das riquezas do Templo, deixando ao marido o cuidado de angariar na caça aos coelhos e lebres no mato da serra, com que aumentasse a fartura da casa.

Da sua autoridade como cabeça dirigente do casal, viera o nome, abreviando o que davam ao marido, de Manuel da Senhora do Castelo.

Os filhos e os netos orgulhavam-se da ascendência da bôa serva de Deus, que os tinha

A C A P E L A D E R O S A S

criado sôbre a disciplina férrea da sua autoridade indiscutível e, já velha a não se poder arrastar até à vila, de lá recebia os recados de confiança e as ordens da Senhora Condessa velha, a fidalga que também fôra, no seu tempo, uma grande energia posta em acção para beneficio e honra da familia.

Fôra a Jacinta que escolhera as mulheres para os filhos e para os netos, que se não tinham arrependido de seguir os seus conselhos nesse passo arriscado da vida.

Quando o Joaquim, que era o neto mais velho, destinado a ocupar o lugar do pai, miseravelmente morto na explosão duma pedreira da serra, chegara à idade de ter uma companheira que ajudasse a mãe nos cuidados da casa e a êle no arranjo e trato das roupas e mais trabalhos do Templo, foi a avó, a velha Jacinta, quem lhe procurou a Maria, a afilhada da «Fidalga», habituada no trato da gente nobre a cuidar de rendas e de tôdas as coisas finas e delicadas, que eram necessárias ao culto da «Senhora».

ANA DE CASTRO OSORIO

A velha Condessa ficara satisfeita de ver que a pequena, que se criara junto da sua vèlhice inteligente, prolongando através dos anos uma existência cheia de belas recordações, ia ter um amparo seguro na familia dos honrados Castelas.

E tão satisfeita ficara com a lembrança da velha Jacinta, que de bôa vontade acedera a fazê-los casar na capela do palácio, para poder servir de madrinha, dando o enxoval à noiva e um par de moédas para a compra duma courela ao sopé do monte que lhes desse em mimos o que da serra não se podia esperar.

Assim, já podia morrer sem remorso do desamparo da pequena, prevendo a volta que levaria o palácio logo que fechasse os olhos, entregue ao capricho doidivas do filho, que só cuidava de touradas e cavalarias, e à nora, menina da côrte, que ao certo ainda ninguém sabia o que viria a ser.

Pela última vez a Jacinta Castela e a senhora Condessa velha se viram e entenderam

A C A P E L A D E R O S A S

para a prática de uma bôa obra de razão e de caridade.

Fôra dêsse casamento bem escolhido e do qual nunca viera para o «Ermitão» uma hora de arrependimento, como se Nossa Senhora os tivesse coberto com a pacificação da sua graça, que nascera Ricardina e depois dela uma ninhada de rapazes, que todos se iam criando como criaturinhas de Deus, na paz augusta da Serra.

II

Ricardina fôra desde criança um pouco concentrada, talvez entristecida pelo isolamento em que nascera e se criara, ali no alto da Serra, junto à ermida milagrosa de Nossa Senhora, só na companhia dos pais, que também se tinham habituado a falar pouco, como quem limita à própria vida os interêsses da humanidade.

De pequenina ao colo da mãe e depois enrodilhada nas suas saias, sòmente na igreja e no seu culto encontrava a razão de existência de tudo que a rodeava.

O tocar dos sinos a horas certas, marcando o dia para todos os *póvos* até onde chegava o som dos seus grandes sinos de bronze elevados no alto da tórre, o arejar e limpar a igreja,

ANA DE CASTRO OSORIO

mudar as flores do altar, abrir a porta aos visitantes, arrecadar as oferendas, cuidar do adro e do terreiro, do escadório e das capelinhas, eram as obrigações continuas dos pais, como seriam, depois d'elles faltarem, as suas e as dos irmãos.

Tirando a romaria grande de Setembro, que deixava trabalho para muitos dias, apenas na Senhora de Março vinham os romeiros da vila e das aldeias próximas, iniciando o periodo das ladainhas da primavera e a alegria das merendas.

Afóra isso, a quebrar a monotonia dos dias sempre iguais, regulados pelo sol na sua marcha natural, apareciam de quando em quando os visitantes que, vindos de passagem à vila, não deixavam de subir à Senhora do Castelo, aconselhado passeio pelo seu panorama grandioso, como a melhor curiosidade local, depois do palácio e mata dos «Fidalgos» em que os pavões punham uma nota heráldica, empoleirando-se magestosos nos pilares dos jardins, estilizados na moda do grande século.

A C A P E L A D E R O S A S

Descendo das carruagens no primeiro terreiro, onde terminava a estrada, ou subindo em alegre esforço a escadaria de pedra, que vencia o monte desde o vale risonho até ao Templo grandioso, tôda essa gente falava e ria perturbando a quietação do lugar e deixando na pequena, envergonhada e bisonha, uma impressão de desagrado que a tornava desconfiada e fugidia.

Mal as pombas levantavam o vôo assustadas pelo rodar dos carros e o alvorôço dos visitantes, despertando o «Piloto» que dava o sinal de alarme em alguns ladridos aflitivos, o «Ermitão» ou a mulher, se êle não estava, ia buscar as chaves dependuradas atrás da porta e punha-se à disposição dos visitantes para tudo lhes mostrarem, como recomendava o feitor dos «Fidalgos» quando vinha arrecadar as ofertas.

Os pequenos saltavam logo à roda dos pais e dum ou doutro sempre iam recebendo alguns cobres; mas para a Ricardina, com o seu ar estranho e assustadiço, essas visitas não eram

ANA DE CASTRO OSORIO

uma distracção. A maneira como, em geral, tôda aquela gente procedia descendo à mina de água quieta e fresca, à qual ligavam pouca fé miraculosa, galgando as escadarias do adro, falando alto e comparando a vista panorâmica que se lhes oferecia de cima da tôrre a outras igualmente belas que conheciam, discutindo o poder milagroso daquela Senhora comparado com outros Santuários de mais recente fama, tudo isso magoava a pequena, que na simplicidade da sua crença absoluta não compreendia tão pouco respeito e devoção por uma Senhora, que era a Rainha dos Céus e da Terra, aquela que podia com um simples gesto mudar a face do mundo.

Só quando os pais excepcionalmente saíam, os dois, é que ela se resolvia a pegar nas chaves e ir abrir a igreja aos visitantes, que por acaso apareciam, mas com ar tão grave e com uma tão forte resistência à amável familiaridade, que ninguém lhe dizia nem perguntava nada, resultando dessa atitude uma falha nas gratificações, que obrigava os pais a deixarem-

A C A P E L A D E R O S A S

-lhe sòmente o encargo de lavar e engomar a roupa do culto e cuidar do asseio da igreja.

Mas nesse ponto o seu cuidado era meticoloso e bem disposto, tratando os interêsses da Senhora com o atencioso carinho e devoção duma verdadeira filha.

Mal se aproximava a época da romaria principal, a grande romaria que anualmente fazia do Santuário o ponto de reunião a milhares de pessoas que vinham de todos os cantos do país, começava tôda a familia do « Ermitão » a agitar-se e a viver na expectativa e nos preparos para a festa daqueles dois dias, que resumiam em si tôda a vida e todo o interêsse do ano.

Nas vésperas da grande data, que serve de ponto de referência para a vida sem fundas perturbações e superiores interêsses de tôda a população da vila, o isolamento religioso da serra quebrava-se violentamente tomando um aspecto bulhento de arraial ou feira, que assustava Ricardina, sentindo-se amesquinhada e relegada perante a própria magestade da Se-

ANA DE CASTRO OSORIO

nhora, que tinha nesses dias o culto magnifico de tantos crentes.

Com o mesmo sentimento de mágua e despeito via a subida continua dos barraqueiros, que já dias antes tinham aparecido a marcar os lugares para as suas exposições, conferenciando com o administrador dos « Fidalgos » que os tratava de alto para baixo, como senhor que bem governa as propriedades que lhe pertencem.

Na casa do « Ermitão » o vai-vem era continuo e a pouco e pouco o primeiro terreiro onde principalmente se concentrava o negócio do dia, enchia-se de barracas animando-se como um novo burgo no á vontade de tãda aquela gente, levando de terra em terra a instabilidade dos seus lares.

Ainda de noite começavam a chegar as pipas de vinho sôbre os pesados carros de bois todos enramalhados e floridos ; depois as carroças de melancias, que ficavam em monte para desaparecerem perante o apetite esbraseado dos romeiros. As padeiras vergavam

A C A P E L A D E R O S A S

ao pêso das canastras cobertas com os próprios chales para que não secasse o pão branco de quartos e o outro, ordenado pelas suas mãos laboriosas, bem acamado dentro das toalhas alvissimas de rendas, guardadas para os dias de importância como êsse. Outras traziam as bonecas de massa lambuzadas de açúcar que os romeiros espetam nos chapéus com os registros da imagem milagrosa, e há milhares de anos representam as mesmas ideias e os mesmos gestos de graça votiva.

Afastadas do lugar de maior concorrência, segundo as ordens deixadas pelo administrador, as barracas da comida enfileiravam, marteladas à pressa com umas tábuas frágeis e a lona esticada para abrigar os bancos e as mesas tôscas em que a freguesia não faltava no dia seguinte.

Junto da muralha, num abrigado recanto que as moças cubiçam com os olhos deslumbrados, os ourives colocavam os mostradores com a rica exposição do seu tesouro; enquanto as mesas das quinquilharias se estendiam já

ANA DE CASTRO OSORIO

por todo o terreiro, para gáudio da criança feliz e dos namorados menos ricos, que só poderão procurar os anéis de coralina, que dão felicidade, e os de ferro, que afugentam o mau olhado.

Ao cuidado do «Ermitão» vinham as caixas com as imagens da Senhora impressas em papel, as veneras em cartão recortado com lantejoulas e papel de côr e as medalhinhas bentas para serem vendidas no altar-mor, como rendimento exclusivo da Senhora nos dias de festa, a acrescentar ao das ofertas e promessas cumpridas.

Os pequenos Castelas andavam numa doba-doira, servindo os carpinteiros que martelavam os corêtos para as músicas e pessoas convidadas pelos festeiros, enquanto os armadores de fogo prêso dispunham as peças para na hora marcada tudo aquilo se desfazer na policromia maravilhosa que deslumbra o povinho.

Nessa noite a casa do «Ermitão» era abrigo largo onde entravam e saíam as pessoas conhecidas, que não queriam ficar ao léu; famílias

A C A P E L A D E R O S A S

dos Padres que tomavam parte nos officios divinos e outras de estimação, que ali procuravam o agasalho e o convívio alegre duma noite velada, despreocupada e feliz.

Ninguém tinha cama, ninguém pensava em dormir, mas todos se estendiam em mantas e enxérgas que a Senhora Maria desencantava dos recantos da casa, onde ficavam de ano para ano, para dar um pouco de confôrto aos seus hóspedes, quando depois do fogo a gente da vila se retira e os romeiros caem no silêncio pesado dum cansaço forte de vida bem suada e bem gosada, durante muitas horas de excitação.

A Januária vinha sempre naqueles dias para ajudar na lida e vigilância da casa, dando com a sua presença a única alegria que Ricardina tirava daquela balbúrdia e confusão, que não estavam de harmonia com os seus hábitos e com a feição sorumbática do seu carácter.

Ao contrário da amiga, Januária era alegre, desembaraçada, serviçal e decidida, enchendo a casa com os gestos largos e a réplica pronta,

ANA DE CASTRO OSORIO

que lhe vinha espontânea, na ponta da lingua, mas sem maldade nem reserva.

Muito pobre, desde pequena que o trabalho lhe não metia medo. A mãe, que ficara viúva muito cedo e sem amparo de ninguém, tivera de deitar mão aos mais pesados serviços para criar a filha e manterem-se as duas, sem vergonha de Deus nem dos homens. Para tudo quanto fôsse serviço que ninguém queria lá estava a Quitéria. Era ela que fazia a recovagem à cidade, satisfazendo de bôa cara tôdas as encomendas e impertinências das senhoras; era ela que esfregava as casas; que dava água a diversas familias certas; que levava o correio às quintas próximas; que servia uns e outros, ora nas doenças e nas mortes, ora nas festas e regosijos. Agora era a filha que seguia no mesmo trilho, e sempre alegre e bem disposta, acostumada desde pequena ao mesmo desembaraço duma vida sem repouso.

Januária era uma pitorra que mal se via e já se endireitava na guarda dumas ovelhitas,

A C A P E L A D E R O S A S

que a mãe tinha de meias, levando-as para a serra com a corajosa segurança de perfeita consciência.

Era vê-la, logo de manhãzinha com o surrãozinho da merenda enfiado no braço, os tamancos reforçados nos pés sem meias, a roupa de cóte sob a capoteirinha de burel, que lhe dava a graça rural dum barro de presepe, seguir com as ovelhas e o Farrusco para o alto da serra, onde a erva crescia entre as pedras, macia e fresca.

Por tôda essa largueza dos campos baldíos, onde os rebanhos podiam pastar sem ofender a avareza dos proprietários, juntava-se a outras pastoritas como ela e a pequenos, que também levavam os seus rebanhos, e todos juntos escolhiam os melhores lugares e os lenteiros mais frescos para cada dia.

Assim, muitas vezes se encontravam nos arredores da Senhora do Castelo, onde a erva crescia milagrosamente por entre as rochas e pedregulhos amontoados.

Fôra desses tempos longínquos da infância

ANA DE CASTRO OSORIO

que ambas conservavam a amizade continua, que era para Ricardina e único sentimento que a ligava à vida comum, pois só por intermédio de Januária ouvia contar o que se passava no mundo, que a pouco mais se estendia além do povo da vila, vagamente ligado ao povo dos romeiros, que vinham anualmente para festejar a Senhora.

O resto era o vácuo, tão longe da sua alma e da sua compreensão como o fundo do mar ou o escuro do infinito.

Aquela amizade começara desde que a Januária dera em embicar para o alto da serra com as ovelhas e aí se encontrava com os outros pastores da sua igualha.

Mal acampava entre os pedregulhos do «Castelo», o Constantino Engeitado metia os dedos na bôca e soltava um tão longo e tão agudo assobio, que a Ricardina, estivesse onde estivesse, o ouvia logo e metendo no cestinho da meia a côdea de pão e o conduto da merenda, corria a encontrar-se com as crianças, que a esperavam com impaciência, especial-

A C A P E L A D E R O S A S

mente a Januária que era, afinal, a autoridade dirigente do bando.

Assentadas à sombra dos pinheiros mansos, que ramalhavam em grandes manchas de sombra atrás da igreja, as raparigas faziam meia ou fiavam, enquanto os rapazes se estiraçavam sonolentos, jogavam o rapa a pinhões, escortinhavam corcódeas ou fabricavam pífaros e colheres, que depois vendiam à rapaziada da vila.

Entre todos era o Constantino Engeitado o que mais fiel se mantinha à companhia das pequenas e aquele que verdadeiramente elas gostavam de ver chegar com as ovelhas a juntar-se às suas, porque só lhes dava descanso e nunca abusava da fôrça, como os outros, para dar melhor tratamento ao seu gado.

Pelo contrário, o Constantino encarregava-se de tóda a vigilância, ia buscar água para elas beberem sem descerem à mina, apanhava pinhões, britava-lhos e, ainda por cima, as entretinha mais do que ninguém com as histórias que ouvira a outros pastores já velhos, que sabiam de lobos de olhos luzentes a atacarem

A N A D E C A S T R O O S O R I O

os rebanhos e lutas de morte entre as feras e os cães, guardas fiéis dos homens.

Era ele que sabia de casos de bruxas e lobis-homens, em seus fados terríveis galopando pelos campos e deixando uma pessoa estarrecida e sem pinga de sangue, se calhasse encontrá-los em qualquer encruzilhada.

Todos se benziam ao ouvir casos tão certos e terríveis, que lhes dava na espinha um arrepio de pavor.

Januária punha um ponto de dúvida na existência das feiticeiras, de que as senhoras que a mãe servia, e eram pessoas de estimação, se riam incrédulas; mas no que profundamente acreditava, pondo na sua convicção uma fé inalterável e forte de existência real e comprovada, era nas moiras encantadas e em especial na que vivia no Modorno, ali a dois passos da igreja, na baixa da serra. Disso é que ninguém podia duvidar, porque muitos tinham entrado na gruta e ouvido distintamente o bater certo do tear, afastando-se com receio dos seus encantos.

A C A P E L A D E R O S A S

O Constantino duvidara um dia:— tantas vezes por aí tinha passado com as ovelhas e nunca, por nunca, vira coisa que se parecesse com uma cara, como elas diziam que a Moira tinha, nem ouvira o bater do tear.

Então a rapariga indignava-se e, muito séria, respondia a essas dúvidas com o testemunho doutras pessoas de mais comprovada experiência.— Os homens são todos assim!... — dizia sacudida.— Só acreditam no que se lhes mete pelos olhos dentro. Pois queria êle duvidar do que a sua própria mãe, nas andadas em que se consumira, escutara tantas vezes!... Tôdas as raparigas que ali estavam tinham ido com ela ver a casa da « Encantada », que era um terreirinho muito limpo entre duas fragas. Se um dia lá se deitavam pedras e sujidades, no seguinte ia-se ver e estava tudo varrido como na hora, disso não podiam duvidar...

As pequenas confirmavam o que tinham visto e ouvido com os seus próprios ouvidos.

O Constantino rendia-se à evidência e pres-

ANA DE CASTRO OSORIO

tava-se a ir com elas, para julgar pelos seus próprios olhos.

Para a Januária, como para todo o povo, a história da Moira Encantada prendia-se à tradição da milagrosa Senhora do Castelo. E contava:

«Era uma princeza moira muito linda, tão linda como as estrêlas. Todos os outros príncipes moiros morriam de amor por ela e os mais ricos apresentavam-se ao pai a requerer a sua mão. Mas a princeza negava-se a recebê-los porque vira um dia um cavaleiro cristão e ficara doida por êle. E de tanto o amar já quasi se podia tomar como se fôsse cristã. Só lhe faltavam os santos óleos e as águas do baptismo, mas Nossa Senhora, que lê em todos os corações, tomara-a sob a sua divina protecção e queria-lhe como se fôsse uma alma cristã.

«Houve então uma guerra muito forte e foi quando os soldados cristãos venceram os moiros, fazendo fugir os que tinham escapado à morte. O rei, que era o pai da princeza,

A C A P E L A D E R O S A S

fugiu, também, com tôda a sua gente e levou as riquezas, que eram tantas e tantas... que nem tinham conto. A princeza chorava muito e não queria seguir com os seus. O cavaleiro cristão chamava por ela procurando-a pela serra e ela sem poder dizer nada apegou-se com tanta fôrça à protecção de Nossa Senhora, que não houve fôrças humanas que a arrancassem dali. O pai, furioso, deitou-lhe a maldição. Como ainda não tinha as águas do baptismo, Nossa Senhora não pôde vencer a fôrça do diabo, tentador das almas, e só conseguiu que a princeza ficasse encantada entre o «Modorno» e o «Modorninho» até que chegue uma noite benta de S. João em que um moço cristão a vá desencantar. Ésse é que há de apanhar todos os tezouros que os moiros deixaram escondidos...

— Não é verdade que ela tem um tear de ouro e que põe as meadas a corar na noite de S. João?... — insinuava uma das pequenas, na ansia deslumbrada de lhe ouvir afirmar a realidade maravilhosa do sonho.

ANA DE CASTRO OSORIO

— E. estende mantas no chão e sôbre elas põe moedas de oiro a luzir?... — acudiu outra.

— Ah, isso é tão certo como o sol e a lua estarem no céu... Lá para as bandas da serra há uma que até deu a uma velha que passou pelo sitio uma panela de moedas de oiro, mas com a condição de só a abrir depois do sol nado... A velha não teve paciência e foi ver o que lá havia logo que a luz começava a raiar. Por isso só encontrou uns carvões.

— Eu também ouvi contar a uma vareira que vem às feiras e fica em casa da minha tia, que a um homem lá da serra aconteceu o mesmo, mas ficou com uns poucos de figos secos...

— O pior é isso; as moiras parece que estão a fazer mangação de quem as vê... — tornava o Constantino com o ar duvidoso que tanto picava as raparigas.

— Pois sim, vai-te rindo, mas o que é certo é que ficará feliz quem desencantar a nossa moira do Moderno...

— Mas quem se afoita a isso?!... Sabe Deus o que lhe aconteceria depois?!

A C A P E L A D E R O S A S

— Se tiver medo podem ficar ambos com o encanto dobrado até ao fim do mundo!...

— Credo, Santo Nome de Jesus! Por isso é que todos fogem de passar à noite por aquele sitio...

— O perigo é só nas noites santas de S. João, porque é quando ela vem à terra em figura de gente... A coisa mais linda de mulher que se pode imaginar! Lava-se numa bacia de oiro e penteia-se com um pente de pedras finas.

— Se soubesse como lá se pode entrar, bem que eu lá ia ver essa princeza que, se calhar, está a dormir dentro do penedo como a menina da « Dança dos moiros »... — gracejava sempre o Constantino, que era no grupo dos pastoritos o maior e o mais espertalhão, pondo dúvidas de homem feito no sonho lindo das mocitas.

Todos riam porque a menina que no fim de muitas peripécias e lutas e bailados apparecia adormecida dentro da rocha, que as espadas dos cavaleiros cristãos fendiam mágica-

ANA DE CASTRO OSORIO

mente de meio a meio, era um rapagão disfarçado e pintado pelo ensaiador da dança.

Mas aquela própria realidade evocadora da « Dança dos moiros », que era o acontecimento excitante da vida monótona da vila, ainda mais certezas dava a Januária, que retorquia com indignada autoridade:

— Pois sim, sim, vai-te rindo, mas o que é certo é que todos sabem que « entre Modorno e Modorninho há sete cargas de oiro fino... »

— Isso é, mas só pode encontrar a porta da casa da moira « pé de relha ou Maria Guedelha »... — confirmava outra pequena, com a gravidade da convicção.

— A Senhora D. Maria do Correio disse à minha mãe que isso queria dizer: que só uma Maria Maluca, que ande por ai à tóa sem lenço na cabeça ou uma cabra escabriada é que poderão encontrar o esconderijo da moira...

— Já vêem que não há de aparecer nunca essa riqueza — concluía o pastor muito forte na sua dúvida.

Ricardina só sabia e só contava quanto

A C A P E L A D E R O S A S

dizia respeito a Nossa Senhora. Os seus milagres de cada dia; os que fizera em tempos idos e ainda hoje andavam na bôca do povo e o que diziam aqueles retábulos dependurados pelas paredes, mantendo a fé num culto deslumbrado e peréne.

Para ela não havia fadas nem lobis-homens, nem almas penadas ou feiticeiras que tivessem poder superior à vontade suprema de Nossa Senhora.

Se ela quizesse ou se ela não quizesse... tudo se resumia no gesto dispensador de graças da sua vontade soberana.

Ela era a Rainha do céu e da terra e nada do que existia e do que tinha acontecido e estava para acontecer podia realizar-se sem a fôrça mágica dos seus milagres.

Os anjos, seus mensageiros, os santos, seus servidores obedientes, o sol, a chuva, a trovoadas, os ventos, o bem e o mal, a alegria como a tristeza, tudo andava ao mando da Deusa Mãe, criadora, pacificadora e gloriosa.

Nessa crença é que todos estavam concor-

ANA DE CASTRO OSORIO

des. O próprio Constantino, tão duvidoso nas histórias e prodígios do sobrenatural, não roçando nunca pela sua alma apegada à raiz da terra, que o recebera em madrasta para o atirar sem amparo de ternura para a luta da vida, confessava: «que acima dela, da Senhora dos Céus e da Terra, só poderia levantar-se a vontade do Deus-Padre, Todo Poderoso, Criador dos mundos, ou do seu bendito Filho, Senhor de quanto existe e está para existir. Mas nem um nem o outro vão contra as ordens da Bemdita Virgem».

Assim terminava sempre em concordância, a conversa das crianças, que à sombra do Templo jogavam as pedrinhas ou corriam pelas fragas brincando às escondidas, enquanto as ovelhas tasquinhavam a erva macia.

Mais tarde outras crianças mais pequenas vieram substituir os pastores, rapazes e raparigas, requeridos para trabalhos de maior proveito e o Constantino, que podia, com a sua

A C A P E L A D E R O S A S

chapa de engeitado, pedir à Senhora Câmara licença para arranjar melhor colocação, porque se fizera forte e rude para o trabalho com os pobres rendeiros que o tinham recolhido de criação, deixou-se ficar com êles no casebre desguarnecido e tôsko da pequena leira de terra, ao sopé do monte e de que era agora o verdadeiro responsável na labuta, sem pro-
veito próprio.

É que, sempre que havia uma folga no trabalho ou presentia a Januária na casa do « Ermitão », largava a tarefa em que estivesse empenhado e lá marchava de escantilhão pela serra acima, sem cuidar de caminhos nem de atalhos.

Eram os momentos bons da sua existência de constante labuta, aqueles em que se punha de conversa com as raparigas, fingindo não ver a cara feia do Joaquim Castela, « que não gostava de gente que não vinha de bôa cêpa, pessoas de nada, sem pais conhecidos, que já mostrassem o que seriam os filhos... »

Ricardina ia crescendo e fizera-se a bonita

ANA DE CASTRO OSORIO

rapariga que se distinguia entre as mais, com o seu ar alheado e sério.

Sem confidentes, a sós com a sua alma tão prêsa àquele pensamento que não o podia arrancar de si, ia para a igreja e de joelhos, as mãos postas, humilhada ante a grandeza onnipotente de Nossa Senhora pedia-lhe com tôda a fé na justiça do seu desejo, o milagre de fazer com que o Constantino pudesse descobrir os verdadeiros pais!...

Que podia custar a Nossa Senhora fazer êsse milagre, a ela que tudo sabe e vê do que se passa no mundo e em cada hora realiza prodígios maiores: dar vista aos cegos, curar os aleijados, proteger as colheitas, chamar do outro mundo os próprios mortos!...

De rôjo, murmurando orações, padre-nossos e Avé-Marias, rosários infindáveis de preces a forçar o milagre, a rapariga punha nêsse pedido tôda a esperança da sua vida limitada.

Oh, aquele amor que lhe tinha, feito de tôda a piedade e de tôda a revolta contra a

A C A P E L A D E R O S A S

sorte que o fizera um «engeitado», ninguém, ninguém o conhecia senão Nossa Senhora. Nem mesmo êle, que nunca se atvera a dizer-lhe o que a sua alta ambição loucamente o fizera sonhar!... Nem a Januária, que desde sempre soubera que o pobre Constantino só vivia dêsse amor que lhe entrara na alma com a luz e com o ar puro da montanha, mas não conseguira perceber o que na alma da Ricardina correspondia a essa paixão adorativa do moço.

Êle bem sabia que não lhe era permitido levantar os olhos para a filha do «Ermitão» da Senhora do Castelo, sendo, como era, um filho das tristes hervas, criado com o sêlo dos expostos às tenças da Senhora Câmara; mas se um dia pudesse encontrar os pais, se soubesse, ao menos, quem poderiam ser, embora o não recebessem como tal, então entraria na linha da gente bôa e talvez, quem sabe?... o Castela já o não olhasse com o desprezo com que o fazia agora.

Mas, por mais que botasse inculcas em

ANA DE CASTRO OSORIO

léguas e léguas em redor, ninguém lhe dava indícios daqueles que o tinham atirado à rua como um trapo imprestável, sem se lembrarem de que ia uma alma apegada a êsse pequeno pedaço de carne em que todos os males, como todos os bens da sua geração, iriam reviver para um futuro de sofrimento, sem apoio nem direcção de ninguém.

Achado como um valor inútil à porta dos pobres que o tinham criado, nem um sinal, nem uma esperança, que mais tarde o ligasse àqueles que definitivamente o expulsavam da própria existência e o atiravam para a vida com a indiferença de quem lança uma acha para a fogueira a arder.

E Nossa Senhora, que tudo podia, ficava indiferente para a miséria daquela orfandade, fazia-se surda aos desejos daqueles corações, que só na sua onnipotência encontravam o amparo duma esperança.

III

Aquilo tinha de acabar um dia!

Era demasiado para um homem só o pêso da desgraça que desde a infancia afastara o Constantino de tôdas as alegrias que os outros gosavam, sentindo-se protegidos pela fôrça constituída duma familia, que representa o traço de união entre o passado e o futuro.

Êle era como uma erva ruim crescida ao acaso, arrancada com a raiz e atirada para a indiferença dos que lhe passavam por cima.

Os pais de criação, pobres e humildes campónios arredados do convívio da povoação, enterrados no amanho da belga, que lhes consumia as horas e os dias de vida para conse-

ANA DE CASTRO OSORIO

guirem pagar a renda aos « Fidalgos », nem sequer lhe davam a ilusão dum amparo, nem o carinho dum affecto.

E por mais que fizesse, por mais que puxasse para conseguir uma abertazinha por onde seguir em busca dos verdadeiros pais, deles nada conseguira saber mais do que sempre lhe tinham contado, porque nada sabiam nem a curiosidade os movera na procura do mistério que lhes levara a criança à porta por uma noite negra de invernia, bem embrulhadinha numa rica manta de lã, única riqueza que trouxera consigo.

No dia seguinte ainda tinham tido o trabalho de ir à vila participar o caso à Administração do Concelho. Feito o registo e marcado com a chapa do seu número indicador, voltara para o casebre onde a mulher o criara como pudera, do leite que lhe ficara do anjinho que Deus fizera a esmola de levar para o céu e que o engeitado melhor substitua com o subsídio da Câmara.

A consciência simplista e limitada do Cons-

A C A P E L A D E R O S A S

tantino recusava-se a compreender e aceitar a injustiça daquela incerteza sem solução.

Evidentemente só Nossa Senhora podia realizar o milagre, mas por mais que lhe pedisse, só para êle era avara da sua divina graça!

O milagre de lhe dar uma família que o elevasse até à única ambição que pudera germinar e crescer na simplicidade da sua alma primitiva, parece que era coisa tão forte e tão grande que nem a própria Senhora o podia realizar!

Em vista dêsse desprezo em que se sentia amesquinhado pela própria divindade, não podia continuar com os olhos postos lá em cima na Senhora do Castelo, nem sequer confessar à rapariga aquilo, que decerto ela bem sabia, mas não sendo expressado em palavras não tinha existência real.

Engeitado por engeitado, era uma desgraça que não podia remediar, visto que nem a mãe de Deus conseguira dar-lhe uma ilusão de maternidade protectora na sua misericórdia, tan-

ANA DE CASTRO OSORIO

tas vezes manifestada a outros que não tinham a sua fé! Então, estava decidido, iria por êsse mundo de Cristo em cata da ventura, que desde pequeno se esquecera dêle.

E, quem sabe?!... Talvez no Brasil, onde tantos vão encontrar a sorte, houvesse ainda campo para com o seu trabalho vencer a fortuna adversa e de lá pudesse voltar, mais tarde, um homem de haveres a quem ninguém perguntasse o nome dos pais!...

O Brasil era na mentalidade embrionária do Engeitado aquela grande e maravilhosa esperança na vida, que há quatro séculos mantém ininterrupta a torrente de sangue para a fecundação duma nova pátria da raça.

Os engajadores tentavam-no com as relativas facilidades que lhe punham diante dos olhos deslumbrados.

O Brasil... êle não fazia uma idea do que era, mas ao que diziam os outros, não faltava campo nem terra para que os seus braços fortes lhe dessem volta, em troca do dinheiro necessário à felicidade da sua vida futura.

A C A P E L A D E R O S A S

Mêdo ao trabalho não tinha êle, que de há muito os seus braços, alugados à jorna para ajudar ao sustento dos velhos, arrancavam à terra tudo quanto podia dar para a renda do senhorio.

Decerto a terra do Brasil não era menos dura de rasgar com a enxada faiscando como espada ao sol de cada dia, do que essa terra pedregosa e ingrata, arrastada pelas enxurradas da serra, com o lameirinho escasso junto do fio de água do ribeiro, a garantir a pensão de cada ano.

Iria, como os outros, levado na inconsciência do sonho, que é o ponto de referência para todos os que nascem e sofrem na terra portuguesa e perderam com a facilidade de partir... — seja para onde fôr — a noção da luta imediata com as forças adversas da própria terra.

Acondicionado legalmente na documentação sumária do emigrante, êle partiria, levado como os outros na promiscuidade miseranda da terceira classe para o desfazer das ilusões e das esperanças frágeis, ficando em definitivo

ANA DE CASTRO OSORIO

o rude trabalho, a luta gigantesca do infinitamente pequeno contra o infinitamente grande. E dêsse esforço ingente e miserável voltaria—dentre montões de ossadas desfazendo-se nos pântanos das novas cidades a alargarem-se numa floração magnífica de luxo civilizado, ou nas estradas a cortar os desertos e as florestas do Novo Mundo—mais um rico, mais um ponto de referência para o sonho ambicioso dum povo inteiro.

De mortes, de trabalhos, de misérias, de desilusões e de lágrimas, o que queriam saber os que tinham diante dos olhos um exemplo do triunfo desejado?

Partir em busca dessa coisa tão incorpórea, tão frágil e tão formidavelmente resistente, que é a esperança de fortuna, era o destino de mais um, dentre os que realizam o destino da raça, partindo; ou lamentam, se não forem, não o terem realizado.

O Constantino Engeitado já falara com o Senhor António Pinto, que era na vila o encarregado de canalizar para os diversos Esta-

A C A P E L A D E R O S A S

dos do Brasil, consoante as necessidades momentâneas dos pedidos, a emigração desejada de gente rude para o trabalho da terra; mas para isso teria que esperar as « sôrtes » para não correr os riscos da emigração clandestina. Dai viera o esclarecer-se a situação duma forma, que estava de acôrdo com a simplicidade rudimentar da sua inteligência e dos seus conhecimentos da vida.

Estava decidido o seu futuro.

Era isso o que precisava comunicar a Ricardina, dando-lhe pela primeira vez a sua palavra de namorado. Até êsse momento nem êle se atrevera a dizer-lhe o que sentia e a esperança em que andava de que um dia pudessem fazer casa juntos; ela no entanto parecera compreender a amizade, diferente de tôdas as outras amizades, que desde pequena a envolvia numa limitada atmosfera onde respirava alheada de todos os outros pensamentos.

Foi, pois, êsse o motivo porque o Constantino, conseguindo avistar a Januária na azã-

ANA DE CASTRO OSORIO

fama das suas idas e vindas no trabalho continuo dessa noite de romaria, lhe pedira com as lágrimas a rebentarem-lhe dos olhos ardentes e a voz a rouquejar na garganta, que fizesse a esmola de pedir à filha do « Ermitão » para lhe ir falar atrás da igreja, para onde a ia esperar, naquele mesmo sítio onde em pequenos se juntavam todos com tanta alegria e confiança.

A Januária, um pouco surpreendida pela coragem do moço, sempre tão acanhado na manifestação do seu sentir, prometeu dar o recado conforme lho pedia, mas se a Ricardina iria ou não, isso era impossível garantir.

A amiga era também um ponto de dúvidas e interrogações para a rudeza simples da rapariga. Não compreendia os seus modos reservados e aquele ar fechado de caixa de segredos, que nem dava aso a que lhe perguntassem nada.

— Pois êle ia esperá-la ao pé do pinheiro manso e se não quisesse ir, que se havia de fazer?... Paciência!... E que Nossa Senhora

A C A P E L A D E R O S A S

lhe perdoasse o mal que lhe faria, como êle lho perdoava também.

Assim resumia o «Engeitado» o seu sentir, esmagado pelo fatalismo da vida que o dirigia sem resistência, embora numa revolta instintiva e constante.

Aproveitando o momento de maior azáfama, enquanto o velho Castela vigiava lá em cima, no altar-mór, o recebimento das ofertas que caíam ininterruptamente nas salvas de prata com o alegre tilintar do metal amoedado e a mulher não tinha mãos a medir para dar atenção a todos quantos nessa noite de confusão solicitavam os seus serviços, Januária chamou de parte a amiga para lhe dar o recado do Constantino.

Surpresa, viu-a fechar os olhos numa concentração de vontade e, bruscamente, levantar o lenço da cabeça que lhe cairá para os ombros, atá-lo num repelão e deitando pelas costas o chale, abalar pela porta fora sem lhe dar mais resposta nem atenção.

Instintivamente, o seu primeiro movimento

ANA DE CASTRO OSORIO

foi segurá-la ou correr-lhe no encalço, apavorada com essa revelação que a surpreendia, tão pouco acostumada estava a ver revelar-se o sentir verdadeiro da rapariga, desde criança fechada numa concentração de sentir que para muita gente era uma prova de anormalidade mental.

Mas deteve-se, vendo-a perder-se entre a multidão dos romeiros que descia a rampa em ranchos de alegre convívio, cantando e bailando ao som das violas, dos harmónios e dos ferri-nhos.

Se abandonasse a casa nesse momento, daria logo o alarme, porque a Senhora Maria volta e meia recorria ao seu desembaraço serviçal, nem se lembrando de chamar a filha, que era auxiliar de pouca monta para essas fadigas extraordinárias.

E deixou-a ir, encolhendo os ombros: « Assim como assim que mal havia em que a rapariga falasse ao « Engeitado », um bom moço da criação de ambas?! Decerto a não perdia, especialmente nessa noite em que não havia

A C A P E L A D E R O S A S

canto da serra em que não estivesse gente, nem havia lugar para se alapar um coelho, quanto mais um homem e uma mulher que falavam diante de Deus e de sua Santíssima Mãe. Deixá-los!... Que vá cada um à sua sorte, ainda é o melhor. Se o Joaquim Castela os visse bem poderia haver uma desgraça, mas Nossa Senhora os havia de guardar, que não pouco a pequena trabalhava por ter a sua igreja limpa e arranjada como a verdadeira casa de Deus... »

Ricardina, depois da avançada corajosa do primeiro momento, cosera-se com a muralha por entre as barracas dos comes e bebes e à custa dum grande esforço conseguia ir avançando por entre a gente, subindo e descendo numa onda continua de fluxo e refluxo, que por vezes a prendia e esmagava sem poder avançar nem recuar.

Tôda aquela gente ria e cantava na despreocupação momentânea das dificuldades e misérias da vida.

ANA DE CASTRO OSORIO

Os ranchos, dançando, tomavam tôda a rua com o acompanhamento das violas atrás, atirando as cantigas como um pregão de desafio.

Nesse momento Ricardina sentia-se pequena, isolada e infeliz, diante dessa multidão que lhe roubava a posse de quanto na roda do ano lhe parecia o seu incontestado domínio.

Quando num último esforço conseguiu chegar ao adro da igreja, ainda lhe parecia mentira como pudera vencer aquela vaga de gente, que se comprimia e empurrava num alarido constante e indistinto, prolongando-se unísono, como o marulhar das águas em maré alta, até aos três quilómetros da vila.

Na igreja, resplandecente de luzes, osromeiros entravam e saíam como quem desempenha a obrigação duma visita de cerimónia; outros, em recolhimento devoto, tentavam dar ao Templo as voltas prometidas em angustiosos momentos de fé inabalável nos milagres da Senhora.

A grande massa do povo corria para a frente do terreiro, apinhando-se em volta do

A C A P E L A D E R O S A S

fogo armado que em breve se iria desfazer em lágrimas de luzes multicôres, por entre os ah! e oh! admirativos e os comentários, que despertam os risos da multidão divertida.

Mais à vontade, a rapariga seguiu em sentido oposto para ir até onde o Constantino lhe mandara dizer. Encostado ao pinheiro manso com o ar apavorado de quem espera, sem poder esperar, um milagre de Deus, lá o foi encontrar.

Com o lenço puxado sôbre os olhos, não adregasse passar alguém que a conhecesse, Ricardina chegou ao moço, que tremia como se estivesse a curtir maleitas sob a luz calma do céu estrelado, nessa noite abrasadora de princípios de Setembro.

Sôzinhos entre a multidão que os rodeava, sem os ver, abrindo-se em exclamações e em risos a cada feixe de luzes que se desfaziam no céu, como se as próprias pedras tivessem bôcas para falar, o Constantino contou-lhe tudo:

« Fôra tirar a sorte, sim! Fôra tirar o nú-

ANA DE CASTRO OSORIO

mero e Nossa Senhora, pela primeira vez na vida, lhe mostrara a sua protecção! Metera a mão na urna e tirara o número mais alto. Todos o olhavam com inveja; parecia até que lho queriam atirar à cara por ser engeitado e ter aquela sorte. Mas para que lhe servia a éle a sorte se não tinha ninguém que o estimasse, se era para ali um infeliz sem eira nem beira, consumindo-se no seu amor sem esperança? Logo a seguir o filho do Morgado dos Casais tirou o número mais baixo. Só ver o desespero do pai a chorar agarrado ao filho, que tinha de partir com as correias às costas!...

O rapaz queria fazer de forte, mas pela mansa chorava como se fôsse uma Madalena...

Então o velho gritara:— Se alguém quisesse trocar o número com o filho, pedisse quanto lhe lembrasse, que tudo lhe daria...

Nem sabia como isso fôra, sentira-se empurrado, ouvira muitas vozes a dizer o seu nome e de repente passara-lhe uma coisa pela cabeça e sem saber o que fazia gritara tam-

A C A P E L A D E R O S A S

bém, oferecendo o seu sangue pelo do filho do Morgado!...

Davam-lhe trinta libras e ali mesmo tudo ficara tratado.

Muitos abraçavam-no, outros deitavam a mal; mas o certo é que o contracto estava fechado e agora já não podia fugir. »

Ricardina chorava, parecia-lhe mesmo que Nossa Senhora a tinha engeitado também naquela hora tão negra da sua vida. E tanto, tanto que lhe pedira!...

Agora era o Constantino que se sentia feliz; feliz pela certeza que essas lágrimas eram a revelação dum affecto de que até aí não podia ter a certeza.

Então, numa esperança alvoroçada no futuro, dizia-lhe quanto esse dinheiro podia representar para a realização do seu grande sonho.

« Sim, se ela gostasse d'ele como elle gostava desde sempre, desde a primeira hora em que a vira pequenina, que nem se lembrava de gostar de mais ninguém na vida, ficariam

ANA DE CASTRO OSORIO

apalavrados para casarem quando se cumprisse o tempo da tropa.

« Aquele dinheiro seria o principio da vida e depois, ... não lhe faltava coragem para o trabalho e haviam de fazer casa como os outros tinham feito, começando com menos. »

Citava alguns casais de familia que Deus abençoara e agora viviam com a fartura do pão, tudo ganho com o trabalho bem contado de cada dia.

Guardasse-lhe ela o dinheiro, que era o penhor da sua palavra e o preço do seu sangue, e veria como haviam de ser felizes. Se não pudera descobrir os pais, que o tinham deitado à rua como um cão, ao menos poderia o pai dela ter a certeza de que seria um homem honrado capaz de fazer geração em si. Outros tinham começado por menos e agora as familias eram grandes. »

Sob os olhos de Deus representado em miríades de estrélas que os cobriam, com a bênção da Senhora do Castelo que ali no seu Templo glorioso recebia o coração dos fiéis,

A C A P E L A D E R O S A S

Ricardina jurou que seria sua mulher à face da igreja e até lá guardaria o oiro, que representava o penhor do seu sangue, como se fôsse o pacto com o futuro.

A multidão cada vez afluía mais ao terreiro onde o fogo prêso se desenrolava num deslumbramento de magia e a cada nova peça que subia ao céu, desfazendo-se numa chuva de luzes multicolors, tôda a serra explodia num grande ah! admirativo e deslumbrado, como se de tôdas as fragas subisse uma inteligência consciente da vida.

Aliviados, um e outro, do pêso daquela ansiedade inconsciente numa certeza que lhes faltava, como fim da própria existência, Ricardina separou-se de Constantino e entrou em casa, sem que a mãe tivesse dado pela sua falta.

Daquela aliança misteriosa que a prendia para a vida e para a morte, ficava-lhe no anelar da mão esquerda um pequeno aro de ferro preservativo dos maus olhados e abençoado contra a desgraça, que de passagem êle com-

ANA DE CASTRO OSORIO

prara numa tenda e tinham trocado com a seriedade e a fé de quem diante do padre troca as alianças do casamento.

E Nossa Senhora, que lá de cima do seu trono de Glória tudo vê e tudo sabe, decerto os abençoava e tomava sob a sua divina protecção, certificando-lhes um futuro que sem o milagre da sua divina graça não poderia realizar-se.

IV

Apesar de lho ter prometido, Januária não esperava a amiga nesse dia porque, desde manhã, um sol demasiadamente forte para a estação prometia trovoada e as núvens sôbre a terra eram pesadas como chumbo.

De quando em quando já uma fita de luz rasgava o horizonte e ao longe, alguns segundos depois, ouvia-se o trovão.

Decerto que um tempo assim teria feito desistir a Ricardina de descer à vila e, nem que ela o quisesse fazer, os pais a deixariam.

Mas, com grande surprêsa da rapariga, tal não sucedeu! E já para a tarde, depois de passar a chuvada, que mais parecia um dilú-

ANA DE CASTRO OSORIO

vio, levando de enxurrada as terras da encosta e fazendo do largo, sem escoantes, um grande estuário, onde o sol a declinar se espalhava numa acalmação de frescura outonal, Ricardina bateu-lhe à porta, um pouco perturbada, mas risonha e faladora, sacudindo as saias que tinha enlameado pelo caminho, atirando com o chale e o lenço que vinham encharcados.

Às exclamações admiradas da amiga, que solicita a ajudava a desembaraçar-se da roupa molhada e acendia um lumezinho na lareira para se aquecer, respondera que saíra cedo de casa, antes da trovoada, e a meio da serra se abrigara na Cova da Moira quando começara a chover, motivo porque chegara tão retardada e não se podia demorar porque decerto os pais, lá por cima, estariam em cuidado.

Se a Januária a quisesse acompanhar melhor seria, « não fôssem imaginar que se perdera na serra e não chegara à vila » — acrescentara num riso sacudido, contrastando com o seu feitio habitual de calma silenciosa.

De bôa vontade a outra, serviçal e amiga,

A C A P E L A D E R O S A S

pôs o chale pelos ombros e calçando os tamanhos avisou a mãe de que chegava à serra com a Ricardina e ficaria a dormir, se a noite a topasse lá por cima.

Como depois da romaria não tinha podido conversar com a amiga, uma certa curiosidade a movia pensando que ia receber as suas confidências, tanto mais que o Constantino também lhe não aparecera mais e agora já todos sabiam que fôra para a tropa, vendendo o seu sangue ao filho do Morgado.

« Assim como assim — dizia ela caminhando pela serra acima ao lado de Ricardina — bem fizera o rapaz! Sempre era um princípio de vida para quem não tinha nada, como êle. Assim a tropa o não perdesse e não fôsse espatifar o dinheiro em pândegas pelas cidades... »

A outra, sem adiantar conversa, apertava contra o seio o saquinho com as libras que lhe dera naquela mesma tarde, encontrando-se, como haviam combinado na noite da romaria, na Cova da Moira.

A N A D E C A S T R O O S O R I O

Mas isso não o dizia ela, que ambos tinham jurado com os dedos em cruz sôbre a imagem da Senhora do Castelo, que lhe dera para levar, a ninguém, ninguém no mundo confessar o passado.

E o que se passara — Santo Deus! — fôra uma coisa tão grande, tão forte e tão sagrada, que já não havia fôrças humanas que os pudessem separar.

Quando conseguira abalar lá de cima, convencendo a mãe de que a trovoada se afastara para trás da serra, desatara a correr pelos atalhos e, saltando penedos e valados, recordara caminhos e sítios onde não voltara desde criança em que andava atrás das ovelhas com a Januária.

O « Engeitado » esperava-a havia muito e o coração apertava-se-lhe na ansia de a ver chegar, ouvindo os trovões que se aproximavam cada vez mais e vendo aquele negrume de núvens que se acastelavam sôbre a igreja.

Quando a viu — pareceu-lhe mesmo que era milagre da Senhora do Castelo! — come-

A C A P E L A D E R O S A S

çavam a cair as primeiras pingas grossas e espaçadas da chuva, que havia muito prometia bâtega de aliviar.

Podia estar sossegada, ninguém já o fazia ali. Despedira-se de todos e depois de receber o dinheiro do Morgado puzera-se a caminho da cidade para se ir apresentar no quartel.

Todos lhe davam razão: já que resolvera aquilo da sua vida, em vez do «Constantino Engeitado» passava a ser o «Constantino Soldado», que sempre era mais bonito. E quanto mais depressa tomasse o novo rumo, melhor para êle!

A meio caminho voltara para trás, metera-se por fazendas e atalhos e ali estava para lhe entregar as trinta libras que recebera e que ela havia de guardar, com o testemunho de Nossa Senhora, para o principio da sua vida futura.

Era o dinheiro do seu sangue que lhe ficava cativo e se Nossa Senhora quisesse ser sua madrinha, se ela os protegesse, três anos de-

ANA DE CASTRO OSORIO

pressa passariam. Depois... era a vida santa, era o amor que os ligava e que os encheria de coragem para o trabalho. Quisesse ou não quisesse o pai dela, assim é que tinha de ser e ninguém seria capaz de os desimaginar daquela.

Ricardina chorava de ternura reconhecida e de saudade ao receber aquele dinheiro, que era o penhor do futuro, aquele dinheiro que era o sacrificio de si próprio a comprar o direito sagrado de ser feliz.

Guardá-lo-ia no Altar de Nossa Senhora— pois onde melhor poderia ficar?— até que os dois o fôsem buscar para a realização do grande dia.

A trovoada aproximava-se cada vez mais, carregando sôbre a igreja numa grande ameaça de pavor. Quási não se via nada e a atmosfera sufocava.

Em vão o Constantino, acostumado às violências de outras semelhantes, quando em pequeno andava com os rebanhos pela grande serra, sem abrigo certo, além das fragas a que

A C A P E L A D E R O S A S

se acolhia, como agora, tentava dar-lhe ânimo. Era questão de pouco tempo...

De repente uma faísca, cortando o ar pesado e côr de chumbo, viera explodir decerto muito perto, pelo estrondo que fizera.

Num grito de pavor a Ricardina caíra nos braços que a amparavam e ambos, na incerteza do fim de tudo, recolheram-se no fundo da gruta, coração contra coração, e ali ficaram, esperando que a chuva, que viera depois em torrentes, lhes desse uma aberta para que ela pudesse seguir até à vila, enquanto êle esperaria a noite para se pôr de novo a caminho da cidade e começar o sacrificio com que ia comprar a felicidade futura.

Mas nada disso a rapariga contava a Januária, caminhando a seu lado taciturna e alheada, sem quasi ouvir o que a outra lhe dizia para a distrair do desgosto que a partida do soldado lhe pudesse causar.

Não sabendo escrever, o Constantino só de longe em longe mandava umas mal nota-

ANA DE CASTRO OSORIO

das regras à Januária, contando da sua vida e dos seus trabalhos; sabendo que tudo quanto lhe dissesse o transmitiria a Ricardina, de quem nem sequer se atrevia a mandar escrever o nome e muito menos a dirigir-lhe o correio.

A dedicada rapariga, mal o carteiro lhe entregava aquelas cartas em letras tortuosas como changotitos de vides, metia pernas ao caminho e chegava lá cima à Senhora do Castelo, onde a filha do « Ermitão » se consumia de mágua e de saudades, cada vez mais minguada de carnes, cada vez mais silenciosa na sua dôr sem confidência.

— Mas, rapariga, toma ânimo — dizia-lhe a Januária sempre confiante e risonha — há de voltar! Um ano já lá vai e os outros depressa correm...

Ah, ele havia de voltar! Se Deus quisesse, se Nossa Senhora assim o determinasse. Bem certo que o penhor do seu sangue lhe estava confiado e de dia e de noite o seu pensamento lhe mandava em orações ardentes a certeza

A C A P E L A D E R O S A S

inalterável da sua fé. Mas os dias passavam, os meses seguiam-se aos meses e Ricardina começava a sentir o cansaço duma esperança que se ia gastando, como se o tempo fôsse coisa material e palpável, que era necessário gastar para chegar ao fim.

Do seu trono florido Nossa Senhora continuava distribuindo graças e fazendo milagres com a impassibilidade da vida que se segue na mesma continuidade indiferente das coisas.

Na última carta recebida, o soldado mandava dizer a próxima partida do regimento para a África, onde os senhores oficiais diziam que andava uma guerra muito forte com os pretos. De lá também se podia escrever e quando voltasse teria muito que contar.

A guerra!... Ricardina caiu de joelhos nos degraus do altar-mór da igreja, onde Januária a fôra encontrar a cuidar do serviço da Senhora.

E soluçava, de rôjo, perdidamente, como quem se defronta com o irreparável duma tragédia mortal.

ANA DE CASTRO OSORIO

A guerra!... Èle ia para a guerra! Ai, que nunca mais, nunca mais se veriam!

Erguendo os braços para a imagem, impassível no sorriso calmo do seu rôsto ingénuo, torcia as mãos num brado de incerteza amargurada.

— Minha Nossa Senhora, minha Mãe Santíssima!... Pela Paixão e Morte de Vosso Filho, não o leveis para fóra!... Que êle venha vivo e são e tudo que tenho, Santa Mãe de Deus, Mãe dos Aflitos, tudo vos daremos para a vossa festa! Valei-me, Senhora, nesta aflição!

— Tem juízo, rapariga! — acalmava a Januária. — Olha que o teu pai pode aí chegar de repente!... Então que tem que vá para a guerra? Tantos têm ido e têm voltado. Era o que faltava que Nossa Senhora não protegesse quem tanto lhe queria.

A outra não se deixava consolar nem convencer e arrastando-se de joelhos, miserável e aflita diante do altar da Senhora, gemia entre soluços:

A C A P E L A D E R O S A S

— Mãe Santíssima, minha Nossa Senhora, guarda-o da morte e dos trabalhos que eu prometo subir de joelhos a escadaria da serra e dar três voltas à igreja... e tudo, tudo quanto tenho será vosso!...

— Deixa lá, rapariga! Nossa Senhora não quer nada do que é teu. Não te aflijas, há de ir e há de voltar como os outros. Lembra-te da cantiga que nós lhe cantávamos em pequenas:

« A Senhora do Castelo
Tem uma fita amarela,
Que lha deram os soldados
Quando vieram da guerra!... »

— Mas não eram guerras de pretos, essas!... — gemia a Ricardina querendo encontrar o apoio numa esperança na alegria confiante da amiga.

— Pois ainda eram piores. Na vila todos dizem que os pretos qualquer os vence lá nessas Áfricas onde os nossos são como reis...

ANA DE CASTRO OSORIO

— Será muito grande a África, onde cabe tanta gente?!

— Ih!... Tão grande, que o senhor boticário diz que Portugal cabe lá muitas vezes!...

— Santo nome de Deus!... E para lá chegarem vão por sôbre as águas do mar!...

— Sim! Vão... Mas que monta? Quando Nossa Senhora nos protege com a sua divina graça, nem a terra nem o mar são mais do que uma pessoa. Ora vê como aquele navio ia já mesmo para o fundo e vai, Nossa Senhora aparece, salvou-se tudo!... —apontava para os ex-votos dependurados na parede, atestando aqueles milagres tão fortes, vindos a proclamar a infinita misericórdia divina através dos séculos.

Vencida pelas razões da Januária e pelo seu próprio desejo de esperançada fé, dizia, já resignada na tristeza da sua ansiedade:

— O que a Mãe Santissima pede não lhe é negado pelo seu bemdito filho, o ponto é que ela lhe queira pedir êste grande milagre, como

A C A P E L A D E R O S A S

fêz aquele de salvar da morte a Morgadinha do Freixial!

Suspirando, punha os olhos na mortalha de seda branca que estava em grande aparato sôbre uma mesa ao lado do altar-mór, como atestado do mais retumbante e falado milagre que a Senhora fizera nos últimos tempos.

— Pois é verdade, — confirmava 'a outra — quando Nossa Senhora podia fazer um milagre tão grande, que até deixou os médicos como parvos, que muito era que guardasse um pobre soldado dos perigos e da morte e o trouxesse à terra donde partira para proclamar a sua onnipotência?!...

Aquele milagre da ressurreição da menina do Freixial era a coisa mais falada que nos últimos tempos tinha sucedido a proclamar a fama cada vez maior da Senhora, Mãe dos homens, a verdadeira, aquela que lá em cima participava da Glória do Todo Poderoso.

As duas recordavam a maravilha dêsse dia da última festa, quando todo o arraial se puzera em pé para ver passar a Morgadinha

ANA DE CASTRO OSORIO

vestida com a mortalha de seda branca, coberta com o véu, como se fôsse envolvida numa nuvem, a capela de rosas sôbre os cabelos caídos e segurando nas mãos brancas o palmito das virgens mártires, como nos retábulos.

Dir-se-ia um anjo que Deus mandasse do céu para mostrar aos homens a sua infinita bondade.

Mal tocando os degraus do escadório com os seus pés levemente calçados de setim branco, olhos pregados no azul infinito do céu, como se fôsse a desprender-se da vida, na imaterialidade pura da alma, a Morgadinha muito pálida e frágil passava alheada por entre o povo, vergado ante um exemplo de tão grande magnitude.

Atrás dela seguia o cortejo: a mãe arrasando pelo lagedo os seus vestidos ricos de viuva, os parentes, os criados, os amigos, todo o povo da sua aldeia com o padre capelão à frente, cantando o «bemdito», numa hossana de graças à Senhora milagrosa, que tivera em conta os rogos da mãe aflita.

A C A P E L A D E R O S A S

Ia tão linda, tão alheada da vida, que mais parecia que só por momento viera à terra e tinha pressa de voltar para onde já estivera...

Porque, de facto, todos à uma diziam ao ver passar o cortejo, num clamor de assombro, que a Morgadinha trespassara à vista dos próprios médicos e a mortalha de seda branca já estava em casa quando Nossa Senhora do Castelo, apiedada ante as lágrimas da mãe, que não tinha mais filhos que herdassem o seu nome e a sua fortuna, lhe concedera o milagre de viver, aceitando as promessas que em brados doloridos lhe fizera.

Ricardina, que a ajudara a despir na sacristia a santificada mortalha e lhe tirara a capela de rosas brancas, que beijara devotamente colocando-a sôbre o véu na mesa onde se conservava a atestar a grande maravilha, olhava com devoção essa oferta magnífica.

Limpando as lágrimas da sua grande devoção, soluçava:

— Ai quem me dera a mim aparecer com esta mortalha diante da Rainha dos céus!...

ANA DE CASTRO OSORIO

Mas não sou digna disso, não!... — e redobrava em soluços.

— Deixa-te de asneiras, rapariga, que para morrer sempre há dias de sobra!... Quando chegar a tua hora Nossa Senhora se lembrará de ti, que tanto pelo seu serviço tens olhado — consolava-a a Januária.

— Se Nossa Senhora me não quer ouvir, o que faço neste mundo sem o arrimo da sua protecção?!...

E de novo a sua dôr explodia em lágrimas e gemidos, com as promessas mais tentadoras ante a impassibilidade da imagem.

V

Era a última romaria que passavam separados; assim lho afirmava Januária, fiada nas últimas cartas que recebera do Constantino, embora elas já fôsem velhas de bastantes meses.

É que o tempo passara, passara lentamente, marcando cada vez mais fundas as saudades de Ricardina.

A-pesar de se consumir naquela mágua impotente da espera, cozendo consigo o sofrimento de cada hora bem contada, tinha no fundo da sua alma ansiosa uma fé inabalável na protecção de Nossa Senhora e esperava a volta do Constantino, que já completara os três anos de serviço.

ANA DE CASTRO OSORIO

A mãe afligia-se de a ver tão definhada em seus traços de mortificação e, sem adivinhar a causa daquele quebranto, já lhe mandara rezar ao mau olhado e levantar a espinhela caída.

Mas nem as rezas e promessas à Senhora do Castelo, nem exorcismos e feitiços tiravam à rapariga aquele ar pasmado, nem lhe punham côr nas faces chupadinhas e decoadas como se andasse a caminhar para ética.

Sempre silenciosa e alheia à vida, que passava em sua volta como se não existisse, Ricardina cozia consigo a lembrança daquela hora única de desvairamento em que o pavor da trovoada a lançara nos braços do namorado, por encantos da Moira que ali vivia tecendo os seus enredos.

Como se fôsse a obsessão dum feitiço, nunca dos olhos se lhe arredava a visão deslumbradora dêsse momento, nem se lhe apagava da memória a sensação dessa hora de febre, única na sua existência até ali decorrida no isolamento e na calma do santuário, sob o

A C A P E L A D E R O S A S

olhar vigilante da Senhora e tôda gasta no seu exclusivo serviço.

Quando Constantino a tomara quâsi desfalecida nos braços robustos, parecera-lhe que a terra se lhe abria debaixo dos pés e o coração se lhe despedaçava de encontro às paredes do peito. E quando fechava os olhos a reviver êsse instante único da sua vida, ainda lhe parecia sentir nos ouvidos aquele mesmo martelar do sangue em tropeções, que era decerto o tear da Moira nas suas pancadas de sortilégio.

Depois da trovoada ter passado com a chuva, que num momento alagara os campos e correria da serra como cascatas de dilúvio, Ricardina desprendera-se dos braços que a seguravam sôfregamente e como despertada dum sonho ficara apavorada perante a sua própria consciência, fugindo do abrigo onde o rapaz ficara num grande chôro de quem se via sôzinho a entrar nesse grande e desamparado mundo de Cristo!...

A noite ia já alta na véspera da romaria em que mais um ano passava sôbre aquela

ANA DE CASTRO OSORIO

outra, igualmente ruidosa e concorrida, em que o Constantino a mandara chamar para lhe confessar o seu amor, entregando-lhe o futuro com o penhor do seu próprio sangue.

No arraial, depois da algazarra violenta das primeiras horas e da alegria pasmada da hora do fogo prêso, o silêncio de cansaço caíra pouco a pouco sob a multidão adormentada, dentro a qual uma gargalhada ou uma cantiga cortava a sonolência das largas vigílias sem preocupações.

Em casa do « Ermitão » a velada ia entristecida pela queixa dolorida duma pobre mãe a quem todos queriam dar a certeza duma fé inabalável na intervenção milagrosa da Senhora.

— Tenha paciência, senhora Josefa — dizia-lhe a Januária, sempre aberta e serviçal, dando para tudo naquela hora de trabalho extenuante — Nossa Senhora não esquece os que se acolhem à sua protecção.

— Ainda não há nada certo, não se deve apoquentar — acrescentava outra pessoa, den-

A C A P E L A D E R O S A S

tre as muitas que a dôr da pobre mulher affligia, estragando-lhes tôda a alegria da festa.

— Se não me hei de affligir!... Nossa Senhora não quiere ouvir os meus rogos e não me faz o milagre de me trazer o meu rico filho!... Ela, que sabe o que foram as dôres de sete espadas alanceando o seu coração amantissimo, não tem olhos de piedade para a minha grande amargura!...

— Ai os filhos!... Feliz de quem os não tem — suspirou a senhora Maria Castela, olhando a Ricardina assentada na soleira da porta que dava para o alpendre, silenciosa e alheada, como se a vaga humana que enchia o terreiro em baixo, as luzes, as cantigas e os gritos nem lhe chegassem aos ouvidos.

E a mulherzinha continuava imprecativa e dolorosa:

— Nossa Senhora, que sabe quanto custa ver morrer um filho, proteja o meu e o traga dessas guerras de África, onde já tantos têm ficado!... Ai, se êle voltar hei de vir trazer à Senhora Mãe de Deus o meu cordão de oiro,

ANA DE CASTRO OSORIO

as arrecadas que trago nas orelhas, a cadeia com o medalhão que tem o seu retrato...

Ia enumerando as riquezas do seu tesouro, despojando-se de tudo em palavras de promessa para comover a divindade ante o sacrificio que demonstrava a grandeza da sua atri-bulação.

— Pobre mãe!... É uma dôr de alma ou-vi-la!... Melhor seria dizer-lhe a verdade, desiludi-la duma vez!... Sempre há de vir a saber!... — comentava na escada uma profes-sora, lida no noticiário das gazetas, membro ponderado da abundante familia dum padre, que na manhã seguinte teria de dizer várias missas de promessas, com a autorização do sr. Bispo.

— Ainda não há nada certo, para que se há de desiludir?... — aconselhava, compungida, uma outra senhora da familia, menos corajosa perante a dôr alheia.

— Qual não há a certeza?!... Se o filho estava na guerra, como ela diz, pode perder a esperança de o tornar a ver. O último com-

A C A P E L A D E R O S A S

bate foi uma coisa terrível. Aqueles malditos caíram sôbre os nossos sem dó nem piedade e trucidaram-nos todos!

— Quando Deus quiere fazer um milagre não olha às dificuldades!...

— Mas se aquelas feras até os nossos comeram!...

— A Deus nada é impossível e ele nada recusa à Santissima Virgem, sua bemdita Mãe!... Nossa Senhora do Castelo vela por nós!...

— Mas um milagre dêstes é impossível, mesmo a Deus! Os nossos valentes soldados foram apanhados de surprêsa no meio do mato por uma nuvem de pretos, e nem um escapou!... Agora vai uma expedição para os castigar e vingar os nossos, mas aos que lá ficaram ninguém já pode dar vida!

— Coitadinhos!... Morreram assim longe da sua terra, sem a bênção de Deus, às mãos daquelas feras bravas!...

— As senhoras dizem que morreram todos os que lá estavam na guerra?!

ANA DE CASTRO OSORIO

— É o que dizia o jornal.

— Então lá ficou também o Constantino, que na última carta dizia que ia partir para o mato, para a guerra com os pretos!... — comentava a Januária, entristecida, vindo encostar-se à ombreira da porta.

— É verdade — acrescentou a mãe. — O pobre Constantino, que vendeu o sangue ao filho do senhor Morgado dos Casais, também lá ficaria... Não tornou a dar conta de si!...

— Esse ainda é capaz de por aí aparecer, erva ruim não a queima a geada... — resmungou o « Ermitão », que não gostava de ver o « Engeitado a misturar-se com os filhos de gente limpa.

— Coitado do rapaz!... Bom que ele é, tio Joaquim!... Tomara muito filho de gente arrecebida ser brioso como ele!... Olha agora ser engeitado?! Isso que monta? Ele não teve culpa, os pais é que foram uns cães... — protestava a Januária com indignação.

— Pois sim, sim... Se Nossa Senhora por lá o guardar a falta não é muita na terra...

A C A P E L A D E R O S A S

— Olhe lá se o Morgado quis saber se era enfeitado para ir em vez do filho.

— Quem sabe se já lá não está!... Se já viria a caminho... — aventava a senhora Maria, conciliadora e piedosa.

— Oxalá que viesse!... Já tinha acabado o tempo!... — voltou ainda a precisar a velha mãe de Januária, que punha no Constantino uma bôa esperança de casamento para a rapariga.

— Seja o que Deus quiser! Êle é que sabe o que faz.

Ricardina, escondendo a cabeça entre os braços em cruz, teve um soluço tão fundo, tão desesperado, que a amiga se assustou vendo-a tão sacudida, numa tremura nervosa de agonia, receando que todos percebessem o motivo daquela grande dôr.

Chamando-a baixinho, conseguiu arrancá-la dali e levá-la junto da muralha, debruçada sobre as pedreiras cortadas a pique e onde nessa hora não estava ninguém, para lhe falar com intimativa carinhosa.

ANA DE CASTRO OSORIO

«Para que havia de estar a consumir-se de pena, se ainda não havia a certeza?!...»

Mas a Ricardina já não tinha nenhuma esperança, nenhuma!... Ela bem sabia o que vinha a dizer na última carta. Que ia para a guerra com todo o regimento e só depois é que voltariam para Portugal. Não a quisessem enganar! Nossa Senhora abandonara-a na sua miséria!... Era Nossa Senhora que não queria que êle voltasse!... E tanto, tanto lhe pedira dia e noite!...

—E então?!— consolava a Januária.— Se morreu o que hás de fazer? Tens que te consolar como as outras! Nada te devia e hás de esquecer, pois então! É a lei do mundo. Outro virá que seja mais ao gôsto dos teus pais. Quem sabe lá se foi mesmo Nossa Senhora que o afastou para te livrar de apoquentações. Uma mulher livre está sempre de grande e não teme a sorte!...

A Ricardina olhava-a fitamente, como tomada do espanto daquelas palavras que lhe

A CAPELA DE ROSAS

mostravam bem claramente a grandeza da sua própria miséria.

Sem lhe responder nada, arrastou-a ladeira acima até à igreja onde as últimas velas se consumiam numa chama incerta, pondo fantasmas de sombras no vasto templo em que os fiéis se abrigavam para dormir fóra do resfriamento da noite.

As duas raparigas entraram pela porta da sacristia, onde os guardas cabeceavam, confiando mais da Senhora que de si próprios a guarda das ofertas em géneros, que as outras de dinheiro e valores já o administrador dos « Fidalgos » as recolhera até ao dia seguinte, em que tinham de aparecer para exemplo dos fiéis.

Ricardina ajoelhou no altar-mór e tapando a cara com as mãos foi-se arrastando de rôjo, subindo os degraus de pedra atapetados para a festa, até que ficou mesmo em frente da Senhora, que a fitava do alto com a fixidez inexpressiva dos seus olhos de imagem popular.

Muito baixo, num murmúrio que era um

ANA DE CASTRO OSORIO

soluçar interior de agonia, Ricardina disse a Januária que a amparava, ajoelhando a seu lado:

— Juras aqui diante d'êste altar, com a mão na pedra de ara, diante da imagem de Nossa Senhora, que não dirás a ninguém o que te vou dizer?!...

Surprêsa, a outra jurou com os dedos em cruz sôbre a bôca: «Que nem em vigílias nem em sonhos, nem a vivos nem a mortos, nem ao padre no confissãoário, a sua bôca se abriria para dizer um segredo que não era seu e que lhe confiavam diante da Santa Imagem da Virgem Maria, no dia da sua festa».

Então a Ricardina, como aliviada dum grande pêsso, levantou-se e arrastando-a de novo como a trouxera levou-a para junto do pinheiro manso, para aquele mesmo sitio onde três anos antes ouvira a confissão do Constantino e ambos se tinham prometido para todo o sempre.

Então, sem desfitar os olhos da amiga, contou-lhe tudo: o alvoroço dessa confissão que viera confirmar e esclarecer tudo quanto

A C A P E L A D E R O S A S

desde criança sentira, êsse pequeno nada que fôra o desenrolar da teia maravilhosa da sua vida, e desde essa hora tivera um sentido misterioso e divino.

Agora, agora que êle morrera, via que Nossa Senhora lhe era contrária e não aceitara o preço do seu sangue, nem o deixara pagar o que devia ao seu corpo, que não soubera guardar para a bênção de Deus.

Era castigo, bem certo que era castigo e Nossa Senhora não tivera dó da sua aflicção!...

Soluçava, torcendo as mãos e murmurando o nome dêle, que era a única recordação viva que lhe ficara dessa hora passageira e definitiva.

— Quem sabe?... — acalmava a Januária, com a sua grande fé ignorante do impossível dêsse milagre. — Quem sabe!... — Não se resignava a crer que Nossa Senhora, que tudo podia fazer na onnipotência da sua vontade absoluta, recusasse a sua misericordiosa protecção à pobre rapariga.

— Ê certo, é mais do que certo!... — gemia a Ricardina.

ANA DE CASTRO OSORIO

— Outros têm aparecido depois de todos os julgarem perdidos por essas Áfricas!...

— Não ouviste o que elas disseram?!... É Nossa Senhora, eu sei bem que é Nossa Senhora que não quiere a oferta do dinheiro do seu sangue... e por minha culpa o castigou. Porque fui eu, fui eu que perdi o juizo naquela hora, fui eu!...

E de novo os soluços redobraram na ansia duma agonia sem remédio.

— Não! Ainda debes esperar. Amanhã vou procurar ao senhor Administrador, êle já deve ter noticia dos rapazes de cá. Talvez em casa dos « Fidalgos » saibam alguma coisa... Se cá não souberem vou à cidade perguntar ao senhor Capitão, que êle logo me diz a verdade. Não te amofines, rapariga, que ainda o hás de ver aqui ao pé de ti. Para o ano há de ser êle que virà cumprir a promessa a Nossa Senhora!...

Mas a outra, ante a certeza da morte, abandonava-se ao irremediável, como quem se precipita no vácuo sem raciocinio nem resistência.

VI

A Januária chegara da cidade onde fôra com recovagens para as senhoras da vila, substituindo a mãe, que se tolhera do reumático com as últimas friagens e já não aguentava carrêgos nem andanças.

Partira na véspera logo ao alvorecer e tantas tinham sido as incumbências, que só tarde se despachara. Assim, não se atrevera a meter ao caminho pela noite, falando-se em assaltos e roubos ao passar das matas da Câmara. Ficaria para o dia seguinte, tanto mais que lhe andava a dar uma pancada o coração para ir ao quartel saber se havia alguma notícia do Constantino, porque na vila nada ao certo se soubera ainda.



ANA DE CASTRO OSORIO

—Pobre rapaz!... —A Januária não se consolava nem se conformava com a certeza, que já entrara em todos os corações, e lamentava: —Pobre Constantino! Morto por aqueles algozes, pióres do que os moiros da moirama!... Quem sabe lá em que misérias se vira e quantas lágrimas choraria pela sua liberdade vendida!... Nossa Senhora nem parecia Mãe de Misericórdia, antes fizera de madrastra descaróvel, sem ouvir os rogos da pobre Ricardina!

Esperanças, esperanças que só ela as tinha, como um fio de luz a que se queria ainda apegar, pungida de mágua pela pobre rapariga, que de dia para dia se ia finando de dôr.

—E quem poderia ter esperança de o ver voltar daquelas terras negras, em que uma alma cristã se via sòzinha no meio daquela chusma de pretos, que eram como bichos ferozes!...

Desanimada pelas informações que davam como certa e mais que certa a morte do rapaz,

A C A P E L A D E R O S A S

estafada da caminhada, dera à mãe as encomendas para distribuir e atirara-se para cima da cama, onde pegara no sono com tanta gana, que só tarde acordara ao alarido que o pequeno mais velho do « Ermitão » estava fazendo batendo-lhe ao postigo.

Dum salto puzera-se a pé e correria a abrir a porta ao rapaz, que em prantos contava às vizinhas a grande desgraça, que era o motivo obrigatório das conversas de soalheiro.

O ser uma surpresa para Januária a morte quasi repentina da filha do « Ermitão » da Senhora do Castelo fôra motivado por aqueles dois dias que gastara na ida à cidade e ter chegado tão cedo que não topara ninguém que lho dissesse e a mãe não a querer afligir, tão cansada como vinha da jornada.

Mal comprehendera o que o André lhe dizia deitou o chale pela cabeça e gritando em lamentações espavoridas puzera-se a caminho para deitar lá cima à Senhora do Castelo.

— Coitadinha dela, da pobre Ricardina, que assim se fôra tão cosidinha de desgostos! De

ANA DE CASTRO OSORIO

que morrera, como fôra aquilo?!... Por mais que pensasse não podia acertar com as ideas!...

Então o André, que voltava de casa dos « Fidalgos » com ordens para o entérro, contava entre soluços como tudo fôra passado.

— De manhã a Ricardina levantara-se e fôra para o tanque lavar as toalhas dos altares e as roupas finas dos senhores Padres, como era costume depois da festa. À hora do jantar já não quisera comer nada e deitara-se sôbre a cama a gemer com dôres de cabeça.

« A mãe, coitada! Muito aflita de a ver assim, dera-lhe um chá de erva cidreira e outras coisas que ela lá sabia.

« Mas não melhorara nada. Tôda a noite gritou com dôres e quando de manhã ele viera à vila chamar o senhor doutor nem já o conheceu. Estava tão desfiguradinha, tão fóra do seu natural, que até metia respeito.

« Então o médico dissera logo que já não tinha nada a fazer e chamassem o senhor Vigário, se queriam que fôsse dêste mundo como cristã. Viera a correr que até parecia que

A C A P E L A D E R O S A S

deitava os bofes pela bôca, mas quando chegou lá cima com o senhor Cura já a não pudera confessar, porque não dava acôrdo de si e só abriu os olhos muito grandes, muito grandes, quando a chamou pelo nome. Nem sentiu quando lhe puzeram os santos óleos.

«Morrera sem saber como, coitadinha!...

— Nossa Senhora nos valha!... — gemia a Januária limpando as lágrimas e o suor da caminhada à ponta do avental — que não sômos nada nesta vida!...

De si para si cogitava no que se teria passado para que a pobre môça se finasse assim, tão de súbito, sem ninguém esperar tal!...

Trepando pelos atalhos, correndo ao seu lado, como quem está afeito ao caminhar da serra, o André ia-lhe explicando: «Que a irmã, depois da romaria, andava assim a modo de esparvoada. A mãe até julgara que fôssem maleitas e queria trazê-la ao senhor doutor quando viesse à vila. Mas isso sim!... Nem queria ouvir falar em tal. E não se tirava da igreja e sempre a falar só, que até metia pa-

ANA DE CASTRO OSORIO

vor porque parecia que era com o diabo. Um dia metera serra abaixo até à Cova da Moira, mas voltara logo para cima sem dizer nada a ninguém...

— Coitadinha, coitadinha!... Ai que desgraça, que grande desgraça!...

A Januária subira em prantos a escada e entrara em casa do « Ermitão » gritando a sua grande mágua e juntando aos gemidos e lamentações da família o desespero da sua mágua exuberante e expansiva.

Com a sua chegada renovara-se o pranto da família e das comadres, que tinham acorrido da vila e dos casais em redor, mal a notícia se espalhara de bôca em bôca na surpresa dos sinais tocados na tôrre pelo próprio pai.

Já em roupas brancas, a morta esperava que da casa dos « Fidalgos » viesse a ordem para lhe pôrem uma das mortalhas oferecidas a Nossa Senhora por outras virgens mais felizes do que ela, porque à sua divina graça aprouvera chamá-las de novo à vida.

Dando uma pública manifestação do aprêço

A CAPELA DE ROSAS

em que era tido o serviçal de confiança que era o Joaquim Castela, o André trouxera de casa dos « Fidalgos » a ordem de escolherem para a morta a linda mortalha de sêda da filha da Morgada e era a mais rica que até ali fôra oferecida a Nossa Senhora.

Trazida pelo « Ermitão » ali estava sôbre uma cadeira, pronta a ser vestida como um fato de noiva, na pureza imaculada da sua sêda fina, a mortalha que num dia glorioso de romaria, levando atrás de si como um rastro de prodígio o povo contrito, a Morgadinha deixara ficar no altar de Nossa Senhora, atestando mais um milagre da sua omnipotência.

Januária via tudo quanto em sua volta se fazia e não podia despregar os olhos dessa face tão macerada, tão vincada de amargura, e de que só ela conhecia o segrêdo, que parecia nem na morte ter encontrado a paz.

Depois de vestida, foi colocada no caixão forrado de branco, que já a esperava com as tampas abertas.

Chorando sempre, a mãe consolava-se com

ANA DE CASTRO OSORIO

a idea de que a filha ia aparecer diante de Nossa Senhora, cuja estampa encaixilhada lhe puzeram á cabeceira, levando aquella mortalha tão rica, o palmito e a capela de rosas, que ali estavam para completar a vestimenta.

Nenhuma outra rapariga da sua igualha levaria tanta riqueza para a terra. Nem sabia como agradecer os favores dos « Fidalgos ».

Carinhosamente, as mulheres andavam em volta do caixão, ageitavam-lhe a mortalha, atavam-lhe os pés com os sapatos novos cuja sola só uma vez tinha passado através do terreiro e subido a escadaria de pedra nos pés fidalgos da miraculada.

Depois do vestido foi a vez do véu, que envolveu a morta numa onda de espuma, dando-lhe o ar inocente de primeira comungante.

Faltava a capela de rosas, que passara das mãos do André para as da mãe. Depois de lhe endireitar as rosinhas amachucadas, entregou-a em soluços ao marido cujas barbas tremiam sôbre o peito agitado de soluços.

Então a Januária, que seguia apavorada o

A CAPELA DE ROSAS

fúnebre cerimonia, enquanto outras mulheres colocavam os cirios de cada lado do caixão e começavam a acendê-los, deu um grito, segurando as mãos trémulas do velho Castela:

— Isso não, tio Joaquim, isso não!...

Suspensos, todos os olhos se pregaram na rapariga e viram o terror expresso no seu rosto lavado em lágrimas.

— Não?!... Porque não?!... — murmurava o velho espavorido.

— Não, não pode ser!... A Ricardina não pode aparecer com a capela de rosas diante de Nossa Senhora! Não pode!... Não pode!... Juro que não pode, tio Joaquim!... Pelo amor de Deus não me pergunte mais nada!

Trémulo de indignação e de espanto ante a reveladora surpresa, o «Ermitão» rouquejou:

— Tira-te daí, rapariga!... Estás doida varrida!...

— Não estou doida, não, não estou doida!... Juro que é a verdade! Nossa Senhora está aí como testemunha!... Ela, que tudo vê e que tudo sabe, é que pode dizer se a recebe

A NA DE CASTRO OSORIO

com essa corôa de virgem que lhe não pertence!... Não pode ser, é um grande pecado, tio Joaquim!... É uma vergonha para a alma da Ricardina!...

Crescendo para ela, indignado e feroz no orgulho da honestidade da familia, assim publicamente ofendida, o velho gritou:

— Sòme-te inimigo! Isso é mentira, é mentira!... É um aleivo!... Uma tentação do demónio!...

— Não é mentira, juro por Deus!... Nossa Senhora do Castelo me sirva de testemunha, que um raio me parta, aqui mesmo, se isto é aleivo que alevanto!... Coitadinha, coitadinha, tanto que lhe eu queria!... Tio Joaquim, por Deus, por Nossa Senhora, não ofenda a sua alma!...

— Minha rica filha!... — gritava a mãe imprecando o cadáver, levantando os braços num gesto de protesto. — Minha rica filha!... Ouve o testemunho que te levantam!... Minha rica filha, em quem ninguém pôs nunca a bôca aleivosa, olha o que são as amigas!...

A C A P E L A D E R O S A S

— Tia Maria, não me desgrace, tia Maria!... Nem vocemecê, com ser mãe, era mais amiga da Ricardina do que eu!... Juro que é a pura verdade! Eu não quero que a sua alma vá ao purgatório levando ao juízo de Deus a corôa de rosas que não pôde levar!...

E a Januária erguia-se desgrenhada e trágica, estendendo os braços num grito para a imagem da Senhora do Castelo, trémula com as luzes das velas bentas começando a arder:

— Minha Nossa Senhora, minha Mãe Santíssima, sôbre a pedra de ara do vosso altar jurei não dizer a ninguém êste segrêdo!... Não posso falar, não posso dizer mais nada!... Mas vós, Senhora Mãe de Deus, se eu minto dai-me já o castigo!... Que a luz dos olhos me falte, que a lingua se me tôlha, que as pernas e os braços se me quebrem se não falo a verdade!...

— Se dizes a verdade, hás de dizer quem é o cão maldito que desonrou as minhas bar-

ANA DE CASTRO OSORIO

bas, para o estorcegar com as minhas mãos... — gaguejou o « Ermitão » trémulo de furor.

— É mentira, é mentira, não acredites Joaquim! Tem o diabo no corpo, tem espirito ruim com ela!... — protestou em brados a mãe, acompanhada pelo còro de murmurações de tôdas as mulheres que a rodeavam!

— É verdade, juro por estes que a terra há de comer!... — gritava a Januária desvai-rada, passando as mãos pelos olhos incendi-dos. E voltando-se para a morta, numa im-precação violenta:

— Ricardina, se me ouves, não me deixes ficar por mentirosa! Tu bem sabes a amizade que sempre te provei!... A minha bôca não se abrirá para dizer a ninguém o que jurei calar, mas tu bem sabes que não posso deixar-te aparecer em mentira diante do juízo de Deus!... Nossa Senhora tudo perdôa menos a mentira!... Não quero, não quero que a tua alma sofra!... Ricardina!... Se me ouves dá um testemunho a esta gente de que não te le-vanto aleivos!...

A C A P E L A D E R O S A S

Num choro convulsivo caiu de joelhos, estendendo os braços para o caixão numa súplica desesperada.

Com o choque do corpo caindo pesadamente no chão, as mãos da morta, que ainda não estavam atadas, alargaram-se e descaíram, apavorando toda a assistência, que se levantou num grande alarido.

A capela de rosas soltou-se das mãos trémulas do velho, que, esmagado pela miséria e pelo desespero da sua decepção, fugia daquela vergonha, que era a verdadeira morte da filha,

Soluçando, a Januária sentia-se apaziguada milagrosamente pelo gesto da morta, que afastara a sombra da irreparável tragédia que da vida era levada até ao céu.

O perdão de Deus descia numa trágica e doce consolação final, dominando a dor e a revolta em todas as almas, sentindo que Deus poderia receber agora em sua Glória e sem mentira aquela que pecara na vida, mas comparecia para reviver diante de Nossa Senhora, purificada pela verdade.

LEÃO VELHO

Quando o conheci era um velho ainda vigoroso e sadio, mas já com as barbas tôdas brancas e uma cabeleira de neve a emoldurar-lhe o rosto vincado numa expressão agressiva, tal como juba de leão orgulhoso.

Era talvez por isso que os garotos, no pitoresco da sua observação desrespeitosa, o chamavam de longe, *Leão Velho*. Mas só de longe se atreviam a gritar-lhe a alcunha que tanto o molestava, porque o velho Macedo, o antigo corneta do *batalhão do Jaime*, o intrépido guerrilheiro, não tinha a cólera mansa dos que não sentiram nunca o cheiro da pólvora nem o alvorecer rúbido num dia de combate.

ANA DE CASTRO OSORIO

Não nascera na terra, nem ao certo se podia saber donde era, que ao perguntar-se-lhe respondia invariavelmente, com um gesto vago da sua mão que as veias encordoavam: — de lá para baixo!...

E *lá para baixo* era todo êsse país que se estende por alcantis de serranias adustas e vales umbrosos, que os rios cortam galgando precipícios, despenhando-se pelos fraguados, espraçando-se pelas varzeas ubérrimas, até desfalecerem nas areias brancas que o Oceano acaricia.

De lá para baixo?! ...

Não; ao certo era impossível adivinhar em que recanto ignorado da forte terra portuguesa nascera e se criara êsse pequeno soldado de ombros largos e rijo arcaboço, que as fadigas mais robusteceram.

Como conseguira estabelecer-se na vila e arranjar o modesto emprego de *oficial da câmara*, não era fácil averiguar. Talvez chamado pelo velho capitão Pessôa, outro valente da guerrilha, que trouxera para o remanso do

A C A P E L A D E R O S A S

lar a lembrança entusiástica desses bons tempos e uma bandeira amarrotada, ganha com honra aos soldados da rainha e dos Cabrais.

Capitão e corneta, outrora tão distanciados na sua hierarquia militar irmanava-os a saudade e o tempo, que tudo consome e a todos aproxima.

Eram apenas dois velhos: o Macedo, corcovado e humilde, com o seu fato coçado pelos invernos, e o capitão, vivendo do rendimento dumas poucas propriedades, sacudindo ao vento a barba branca de patriarca.

Discorriam:— Oh os tempos idos!... O passado, que não é mais do que a vida que nos foge... a mocidade que nunca mais volta!...

O Macedo era, ao tempo, um velho rabujento e áspero, acumulando com o lugar público, que muito o orgulhava, o de guarda da capela da Câmara, que conservara esse luxo do tempo em que fôra solar de fidalgos.

Com tantas atribuições ainda encontrava ensejo para carpintejar e torneiar umas peque-

ANA DE CASTRO OSORIO

nas maravilhas em lindo buxo amarelo como oiro, que eram o nosso enlevo.

Pelas festas tínhamos certos os nossos presentinhos levados pelo Macedo, que desta forma aumentava os seus rendimentos sem amarrotar os seus brios de altivo guerrilheiro. Com o produto gracioso dessa habilidade manual é que conseguia levar umas festas mais alegres na sua solidão de sem família.

Também, de pouco necessitava para os seus banquetes a que serviam de aperitivo os pimentos queimosos e as malaguêtas vermelhas como lacre, que ia cultivando, com extremos de horticultor, em caixotes, à janela do côro, que era também aproveitado para a sua oficina particular.

O forte *carrascão*, o seu verdadeiro fraco, dava-lhe ilusão e confôrto que bastavam às suas pobres ambições de criatura simples.

Nós ficavamos satisfeitísimos, é bem de ver, com as visitas do Macedo de que resultava sempre uma nova provisão de piões, bolas e lindos páus torneados para o jogo da

A CAPELA DE ROSAS

bilharda, que êle distribuia num meio sorriso de artista, ostentando modéstia na previsão dos nossos entusiasmos de sinceros admiradores.

A sua generosidade foi uma vez até ao ponto de me brindar com uma dobadoira — « porque meninas não brincam com piões » — e abanava a cabeça com ar austero, que não ficaria mais apropriado em grave conselheiro, desdenhoso da educação moderna.

Essa dobadoira, quási do minuscuro tamanho que eu tinha então, foi-me companheira e amiga por largos anos quando nela dobava e desdobava a linha com que fabricaria as meias para tôda a numerosa familia das bonecas. Por fim, perdida de vista, quando outras preocupações vieram arredar a atenção dèsses afazeres de dona de casa em miniatura, deverá ter-se desconjuntado por alguma arrecadação do sotão, indo talvez, — quem sabe?... — findar os seus dias num abraço mortal do fogão, que na sala de trabalho crepitava sem descanço nos longos serões de invernía beirã.

ANA DE CASTRO OSORIO

Mais feliz, afinal, do que o seu modesto fabricante, o velho Macedo, que na friesa dum inverno último se deixou morrer, sem lágrimas de familia ou amigos, que o acompanhassem à sepultura rasa dos herois desconhecidos.

Coisas que o *Leão Velho* nos contava, nos seus raros dias de bom humor!...

Umaz vezes era a evocação barbara de uma noite de marcha sob a tremura das estrelas silenciosas, quando a guerrilha tinha de se escoar sem ser presentida, pelas azinhagas mais solitárias, rasgando as mãos e os fatos para trepar os montes escabrosos, fugindo como lobos ao povoado hostil...

Outras, cheio de fome e de frio, sem tecto que os abrigasse, a quadrilha agrupava-se em volta da fogueira fumarenta, alimentada com troncos de pinheiros, arrancados pela raiz às matas próximas — e era todo um recordar melancolias das noites de outróra, passadas à lareira a ouvir os casos que a velha avó sabia do tempo dos franceses... ou como as bruxas se reuniam nas encruzilhadas para as suas

A C A P E L A D E R O S A S

festas e malefícios, e da *certeza* que havia de que a última criança da vizinha fôra sugada por aqueles *trsgos*... — Santo nome de Jesus!... — E as velhas acreditavam naquelas, mas os guerrilheiros riam de tais crendices. E suspiravam, pensando no momento em que na sua lareira o caldo levantava fervura e todos acolhiam galhofeiros com as tijelas meadas de brôa, para a mãe fazer a distribuição.

No entanto, nenhum se queixava dessa vida aventureira e bravia, que por gôsto procurara e tinha compensações para essas rudes criaturas que a desmoralização da política tinha arrancado à terra para os lançar, mal armados e mal preparados, na sangrenta luta civil.

Só o terror que espalhavam pelos casais e aldeias quando entravam em chusma, ao toque da corneta e ao rufo do tambor, pelos povoados indefesos, era de fazer rir os mais bissonhos.

Alguns, menos embotados pela asperêza dessa existência de lutas e de perigos, ainda por vezes se surpreendiam com os olhos res-

ANA DE CASTRO OSORIO

sumbrando lágrimas quando, numa *alta* em terra amiga, viam às tardinhas as môças que recolhiam da fonte com os cântaros cheios de água sôbre as cabeças airosas, no passo dolente do sangue da moirama, que, tanto ou mais do que nos campos da batalha, ficou nas veias do pôvo português.

Mas o Macedo, então um rapasete de olhar vivo e negros cabelos ao vento, pensava lá nessas coisas!...

Familia não a tinha, não a tivera talvez nunca; pequeno, filho do acaso, que a guerrilha em qualquer azinhaga encontrára a colher amoras e levava numa hora de bom humor para os guiar com o som estridente da corneta, que outro petiz havia pouco largara, para morder a terra embebida no sangue do coração, desfeito por uma bala.

E melhor guia não encontrariam, decerto, que o pequeno à frente do batalhão, galgando montes e descendo precipícios, impávido e forte, era o primeiro na arremetida e o último na retirada. Tocando sempre, indiferente à dôr

A C A P E L A D E R O S A S

e à morte, êle seria mesmo capaz de tocar, quando dos seus não restassem senão cadáveres, que podiam bem erguer-se para seguir o seu guia, de tal forma punha a sua vida no entusiasmo do clarim tocando a avançar.

Pobre *Leão Velho*, como ia longe o tempo da luta e da glória!

Dessa vida livre e aventureosa ficara-lhe uma altivês, que o tornava soberbo quando, ao de leve que fôsse, supunha que o queriam menospresar.

Tinha rasgos de orgulho que passavam de bôca em bôca entre sorrisos complacentes, e se recontavam anedoticamente como coisas duma outra idade, nos serões elegantes dos senhores da terra

Entre muitas, dá bem a idéa da têmpera do velho Macedo, esta que o sr. José de Albuquerque contava num riso de simpatia trocista do aprumo imponente do velho doutor Couto: quando a politica dispensou os serviços da brava guerrilha, que podia tornar-se um perigo, o governo houve por bem premiar os seus mo-

ANA DE CASTRO OSORIO

destos auxiliares, que recolhiam ao remanso da vida privada, com uma pensão. Assim os cofres públicos abriram-se numa generosidade excepcional e o Macedo ficou contemplado com dois *pintos* por quinzena.

Feliz homem que em vida conheceu a delicia de ver recompensadas as suas fadigas!...

Ora êsse dinheiro devia ser dado todos os quinze dias pelo recebedor Couto, que era ao tempo o maior sovina da terra.

Vêr o Macedo receber os grossos patações e dirigir-se para a taberna com um amigo, onde pagava o pão que trazia fiado e os quartilhos apontados a giz, era coisa que sobremaneira agoniava o funcionário público.

Até que um dia, não se pode conter e disse-lhe, sentindo engulhos com o esbanjamento dos govêrnos liberais, êle que no íntimo do seu coração guardava a sua fé na volta do senhor rei D. Miguel 1.º.

— Ó Macedo, o que fazes tu a tanto dinheiro que aqui te dou todos os quinze dias?!...

A C A P E L A D E R O S A S

E olhava, cubiçoso, as moédas que êle metia com indiferença na algibeira, calculando porventura, quanto poderiam render a juro, mais ou menos legal...

O soldado, como se em plena batalha recebesse uma bofetada, deu um passo atraz, ergueu o pobre busto arqueado e olhando tôrvo o empregado público, perguntou e respondeu, com ironia mordente :

— O que faço a tanto dinheiro?!... Olhe, é isto!... — E teve um soberbo gesto de orgulho, levantando o braço e arremeçando pela janela fóra o *prét* que recebera.

Depois, sem mesmo se dignar olhá lo voltou as costas e saiu com ar marcial, como se tocasse na sua corneta uma retirada gloriosa, enquanto o outro se enterrava pela cadeira abaixo, pensando com horror na desmoralização dêsses *pés-frescos* que tinham pelo dinheiro, o rei do mundo, um tão soberbo desdem.

A MAIOR DOR

No fim da quinta viviam os rendeiros, numa cazita térrea ao lado dos currais, com a larga cozinha e dois cubículos onde a familia se amontoava; a um lado as raparigas, ao outro o velho com os rapazes.

A mãe morrera havia muitos anos, do parto da última pequena, porque estivera logo no dia seguinte a lavar a roupa no tanque, numa ensoalhada manhã de verão.

Das outras vezes fizera o mesmo sem lhe vir mal — respondia o viúvo numa resignada passividade inferior, quando as comadres e vizinhas lhe estranhavam o abuso.

Os filhos eram sete; três rapazes e quatro raparigas, que bem aconchegadinhos cabiam

ANA DE CASTRO OSORIO

numa canastra almudeira. Ao frio e à chuva, por ali se foram criando, crestados pelo sol de verão, curtidos pelo nordeste, que lhes intanguia as mãos enteiriçadas, os cabelos emaranhados e os olhos fitando os estranhos, numa instintiva desconfiança de animais bravios.

A mais velha, com dôze anos apenas quando ficara orfã, desde logo assumira a responsabilidade e os encargos de mãe de família; e o certo é que o lume estava aceso a horas e o caldo e a brôa não faltavam ao pai e aos irmãos, que andavam no trabalho, levado pelos mais pequenos na cesta bem coberta com o guardanapo de estôpa, que a mãe — coitada! — fiara à lareira nos estirados serões do inverno.

Duma rispidez de trabalhadora rude, fizera-se respeitar até pelo pai, que a tomava por conselheira em todos os apertos da sua negra vida de servo adstrito à gleba.

Nunca Matilde sentira, como as mais raparigas, num transbordamento de vida afectiva, o desejo de acariciar e beijar uma criança.

A C A P E L A D E R O S A S

Nem, que se soubesse, um sorriso de meiguice lhe aflorara jámais aos lábios, apertados numa concentração de vontade sem desfalecimento.

Não nascera para blândicias feminis que sobranceira olhava, como culposas, na áspera honestidade ascética de criatura de trabalho e de raciocínio.

Ai das irmãs se dêsse conta de por ali rondar algum peralta ou lhes notasse tontería de corações leves!...

Casar, quando chegasse a sua hora, não dizia que não, que era êsse um dever a que a sua consciência da vida a não eximia, na passividade fecunda dessa terra de que brotara expontânea, tal uma árvora enraizada fundo ou rochedo irrompendo do sólo áspero e rijo, como fôrça ignea da Natureza.

Mas para a nova família, quando houvesse de a criar, não levaria mais requintes de ternura do que já déra à que a desgraça lhe atirara para os braços num dia de orfandade. Não esperassem uma dôce companheira para

ANA DE CASTRO OSORIO

os embevecimentos amorosos, que para isso a não fadara Deus; muito trabalho, muita ordem, muita energia, tudo levaria em dote ao homem que para bons fins a fosse solicitar, nanja delambidices e arrebiques de menina de cidade, que tudo isso lhe merecia um profundo desdem.

E enquanto a filhos: se a sorte fosse tê-los, muitos ou poucos, com o leite dos seus peitos e a graça de Deus se haviam de criar, tal como sucedera aos irmãos, que todos tinham vingado sem mazéla, até o cadete, que nascera para trazer a morte à santa mãe, que Dens tinha na sua eterna glória, tão bôa e honrada fôra. E se algum morresse; seria mais um serafim no reino dos céus a rogar misericórdia para os pais.

No moirejar sem lazer da familia, fechados no estreito horizonte que lhes limitava vegetativamente o decorrer dos meses dobados em anos, o tempo foi insensivelmente transformando os encargos e trocando os papeis. Os pequenos cresceram, fizeram-se homens, e tra-

A C A P E L A D E R O S A S

balhavam de sol a sol com raras fugas de rúbida folgança pelas romarias do verão e pelas feiras, em que se bebe um copo a mais com os amigos e se conversa com as raparigas das cercanias.

De resto, ignorantes e passivos como fortes bois de nóra, que olhos vendados andam léguas no mesmo piso, assim eles trabalhavam e viviam a mesmo monótona existência laboriosa de sempre.

O velho, o pai, que outrora os governara com o esforço do seu braço, agarrado ao cabo da enxada ou à rabiça do arado, tornara-se a criança da casa, o fardo que os filhos a custo levavam pela existência difícil; a dívida a pagar, capitalizando para o futuro.

Quási entrevado pelo reumatismo que lhe emperrava os movimentos, desarticulando-lhe os ossos, como gonzos enferrujados de porta lá muito fechada, mal se arrastava para a sombra da velha nogueira que o recebera em rapaz, cheio de fôrça e energia para o trabalho, quando tomara de renda a quinta, que era farta de mimos, e bem lhe pagava a renda.

ANA DE CASTRO OSORIO

Nas intermináveis horas da sésta, em que tôda a vida do campo se paraliza na ofegante canceira das manhãs valentemente labutadas, para ali ficava a ruminar sòzinho, olhos sem sôno, boca sem dentes, ouvidos sem audição, a falar, a falar para si próprio nesse prolongamento duma vida que já vai desprendida dos outros.

Limpo, com a sua camisa de estôpa bem cosida e todos os domingos mudada, o seu fato de saragoça cuidadosamente remendado, o chapeirão braguês a preservar-lhe do sol a cabeça embranquecida, arrimado ao cajado, que o filho mais novo lhe trouxera dum marmeleiro de ao pé do rio, ageitava-se no inverno no banco de pedra de fóra da porta, numa abstracção indifferente das coisas, que mal o differençava dum carcomido cêpo, que na invernia se desfaz em brazas na lareira pobre.

Numa clara e translúcida manhã do último inverno as criadas, ao irem abrir as janelas dos quartos das senhoras da quinta, participaram que o velho rendeiro morrêra de noite, sem que

A C A P E L A D E R O S A S

os filhos dessem por isso, sem agoniado estortor, nem um arranco doloroso; adormecido de vez sob a manta, que a Matilde lhe deitara por cima vendo-o, à noite, numa tremura de frio.

A nortada, que congelara a água nos tanques e conservava a escorrer da serra a brancura reverberante da neve, também lhe gelara nas veias sangue sem forças para reagir, deixando-o morrer lentamente como às vezes succede às lampadas de azeite que ardem nas igrejas.

O cavador morrera como vivera, sem um repelão de revolta nem um gemido de saudade.

Ao almoço, comovidamente, a senhora disse para a filha:

— Como aquela pobre gente deve estar triste!... Vamos lá ver as raparigas,—coitadas! — que a nossa visita lhes dará consolação.

De caminho ia recordando, numa entristecida lembrança de longinquas amarguras sofridas e nunca olvidadas, as horas de lutos semelhantes, que são o maior sacrificio de viver.

— A morte dos pais — murmurava doce-

ANA DE CASTRO OSORIO

mente melancólica — é um golpe tão fundo, um desconsolo tão grande para a nossa alma, quando nos encontramos sem aqueles mais certos amigos, que sentimos intimamente a impressão do desamparo e da orfandade, ainda quando a nossa existência já se tem desligado da sua e criado novas obrigações e alegrias. Só mais tarde compreenderás êste luto, e permita Deus que bem tarde seja, não por mim nem por teu pai, que pouco mais fazemos cá no mundo, mas por ti, que sentirás o teu pobre coração alanceado de mágua.

A pequena sentia um amargo travor de lágrimas a apertar-lhe a garganta num reprimido soluço, e pedia à mão que não falasse em coisas tão tristes, que nunca poderia aceitar com resignação.

Na casa dos rendeiros, o morto, já vestido e barbeado, esperava a vinda do senhor cura e da Irmandade da Misericórdia, que atravez dos campos alqueivados para a colheita futura, aos tropeções o levariam pelos atalhos desempedrados para a serena paz da transformação

A C A P E L A D E R O S A S

da matéria, no seio dessa terra ásperamente amada, mãe consoladora e pacificadora.

Ao lado, os rapazes encarregados de velar o morto cabeceavam, pouco afeitos à inactividade, amolecidos pela atmosphera amornada que o respirar de muitas bôcas tornava pesada e venenosa.

As raparigas, essas davam as suas voltas no amanho doméstico e quando acertavam de passar diante do morto, benziam-se rapidamente murmuravam um Padre-nosso e aspergiam o cadáver com o ramo de bucho que estava na caldeirinha de água benta.

Sôbre a mesa de pinho, coberta com a toalha rendada dos afoles, duas velas diante de Cristo, que se estorcia sangrento e doloroso na cruz tôska de madeira pintada, ardiam a desfazerem-se em pingos de cera, cuidadosamente recolhida pelo garôto do sacristão.

As senhoras entraram e sem dizerem palavra ajoelharam por instantes junto do cadáver, que mostrava na face glabre uma expressão de paz e de felicidade nunca sentida na sua passagem obscura pela vida.

ANA DE CASTRO OSORIO

Depois, a mãe com o mesmo raminho de buxo da água benta espargiu-o piedosamente. A filha mordida os lábios, sufocando a comoção que no seu espirito fazia tôda aquela scena de morte.

— Tenham paciencia!... — consolou a senhora, para as raparigas — O que se há de fazer? E a ordem do mundo.

— Ai, minha senhora, — respondeu Matilde com serenidade — foi uma fortuna a morte do pai. Nosso Senhor o tenha lá em bom lugar, que êle nunca fez mal a ninguém. Louvores a Deus que o levou sem mais *pensão*. Se nos ficava *prá-hi emprégado* numa cama, o que seria da nossa vida?! Assim mesmo já nos dava muita *travalheira* e sem ganhar nada! Em casa dos *prôves* quem não *travallar* melhor é que Deus Nosso Senhor se amerceie e lhe faça a esmola de o levar para si. Uma bôca a mais não dá *ganancia* neuhuma...

As irmãs confirmavam, citando o muito que tinham trabalhado para o trazerem limpo e decente nesse longo ano em que ficara quási to-

A C A P E L A D E R O S A S

lhido, mal se arrastando até à nogueira à hora do sol.

Os irmãos abanavam a cabeça, aprovando as queixas das raparigas.

As senhoras saíram; a mãe silenciosa, uma ligeira melancolia a ensombrar-lhe o rosto; a filha, mal sufocando o riso que lhe irrompia irresistível ante aquela maneira serena de encarar a morte do pai.

Passados meses, quando as duas senhoras passavam na quinta à hora calma dum poente a desfazer-se em poeira de oiro e púrpura, ouviram para o lado da habitação « dos rendeiros » um alarido de grande aflição.

— O que será? — perguntou a filha assustada.

— Queira Deus não acontecesse alguma fatalidade aos rapazes, que andam a desentupir a mina!...

— Vamos ver!...

E apressaram o passo, sobresaltadas.

À porta, desgrenhadas e pálidas, as rapa-

ANA DE CASTRO OSORIO

rigas carpiam a sua desgraça, mal se podendo apreender a tragédia em tôda a nitidéz dos factos, no entrecortado das frases e dos gemidos.

—Minhas ricas senhoras — gritava a Matilde, mal as viu — que grande *desgracia* a nossa! Ai, o que faremos e o que há de ser do amanhã destas terras sem êle?!...

E as outras acompanhavam em côro: — Ai Deus, que grande *desgracia*!... Ai!... Ai!...

E os choros redobravam em berrada aflicção.

Surpresa, a senhora inqueria sem quási conseguir fazer-se escutar:

— Mas, raparigas, digam, o que vos aconteceu. Alguns dos rapazes está ferido? Morreu alguém?!...

— Ai sim, minha rica senhora, morreu! Morreu-nos o *Mourisco*! Deu-lhe uma dôr tamanha que em tôda a santissima noite não descansámos com êle. Veio o ferrador da vila, ainda se viam as estrelas, fizemos-lhe tudo o que nos disse, mas nada lhe fez bem! Tudo o

A C A P E L A D E R O S A S

dia lábutamos para o salvar, mas quê?! Arre-
bentou lá pouco, coitadinho!

— Deitavam-nos uns olhos que era de
cortar e coração. O pobre *alimal* parece que
conhecia a falta que nos faz! Quem nos há de
acudir nesta *disgracia?!...* Uma mão cheia de
dinheiro desta maneira, nem em dez anos a
terra o dará!...

— Ou foi mau olhado ou erva ruim, santo
nome de Maria!...

E tôdas choravam uma perda, que só muito
tarde, ou nunca, poderiam resarcir. Era a ruí-
na, a miséria sempre a bater à porta dos po-
bres.

Os rapazes que tinham largado o trabalho
chamados pelas irmãs, saíam do curral lim-
pando as lágrimas à manga da camisa, negra
da poeira e do suor, num repelão de revolta
perante a irremediável tragédia.



INDICE

A capela de rosas.	9
Leão velho	117
A maior dor	131

DA AUTORA:

INFELIZES (*Histórias vividas*), esgotado.

AMBIÇÕES (*Romance*), esgotado.

QUATRO NOVELAS, esgotado.

DIAS DE FESTA (*Evocações*).

A VERDADEIRA MÃE (*Novela*).

O DIREITO DA MÃE (*Novelas*).

MUNDO NOVO (*Romance*).

HISTÓRIAS DE FAMÍLIA, a publicar.

OUTRÓRA... (*Evocações*), »

HIBISCUS (*Contos*), »

O MAIS FORTE (*Romance*), em preparação.

A ZELADORA (*Romance*), »

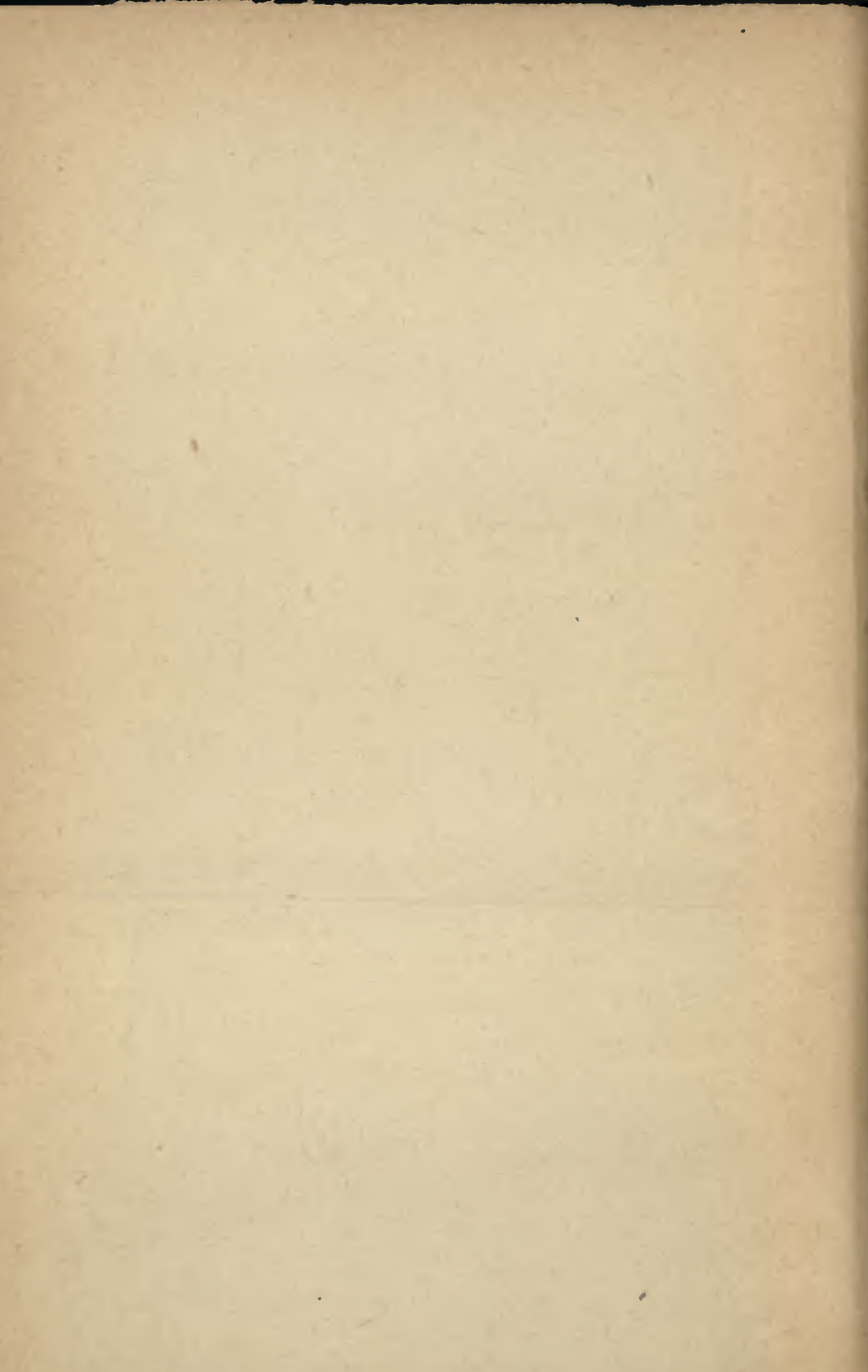


COMPOSTO E IMPRESSO

Tip. da SEARA NOVA

CALÇADA DO TEJOLO, 37

L I S B O A





2